NAUTA UMBRARUM:

Um grito pela liberdade do ser humano

Poema épico por

DANIEL SONNE

LIVRO I

Você pode divulgar, citar, e compartilhar essa obra ou partes dela em todos e quaisquer meios desde que: sem fins comerciais e dando os devidos créditos ao autor, preferencialmente com o link de sua página na internet: http://danielsonneblog.wordpress.com.

PDF composto em Maio de 2016.

Prefácio

Com respeito, provavelmente, esta obra te chega em mãos. Foi fruto de um longo esforço pessoal. A iniciei em meados de 2011, e me consumiu as próximas semanas e meses em ardente trabalho de escrita e pesquisa.

A obra, hoje, me parece mais modesta do que eu gostaria, há 5 anos atrás. Ainda assim, é relevante o fato de que ela me consumiu ainda os anos de 2012 e 2013 em permanentes revisões e edições.

Por isso, decido hoje compartilhar essa obra com vocês. Esperava eu mudá-la de alguma forma ou publicá-la em material impresso, ambas coisas que me parecem em certa medida impossível hoje. Primeiro porque interferir em *Nauta Umbrarum* seria colocar o meu espírito que caminha para os 27 anos de idade numa obra de quando eu tinha 20, 21. Segundo, porque seria um heathen modificando a obra de um ateu.

De certa forma, eu gostaria de fazer uma interferência no sentido de privilegiar o papel da mitologia nórdica nesta obra, e é por isso que retenho tanto os dedos em uma edição. Aqui o cristianismo é o centro: visão própria de um ateu ocidental, que é incapaz de enxergar a religião como algo além das religiões reveladas do Oriente Médio. Por isso a necessidade de lutar tanto contra isso. O Sonne de hoje lutaria contra essa binarização entre cristianismo e islamismo de um lado, e ateísmo do outro.

Ainda assim, sem essas considerações anacrônicas de um autor menos imaturo hoje, algumas coisas precisam ser ditas. Nauta Umbrarum é um grande mito, no qual eulírico, autor e narrador se fundem. Minha vida psicológica e material são ambas determinantes do conteúdo da obra, mas, de certa forma, preferi despersonalizar um pouco as coisas, fundindo a ficção fantástica à vida real, como povos antigos, em certa medida. Mas, nesse caso em particular, os gregos ainda são minha maior inspiração.

E isso não apenas na filosofia. Na medida em que essa obra se iça sobre os esforços históricos e literários dos gregos, ao mesmo tempo os destrói, como todo bom aluno deve fazer com seus mestres, não se limitando a ser mero repetir, e transgredir os limites que os mais velhos não puderam escapar.

Apesar da quase total falta de métrica, isto, ainda assim, é uma epopeia. Aqui Alberto Caeiro e Walt Whitman recitam um Homero misturado com um doce sentimento drummondiano. Só digo isso, no sentido de que fique subentidido aqui que o jovem que o escreveu tinha, apesar da leitura imatura à época, o desejo de brincar com as mais diversas escolas clássicas e modernas de pensamento. Talvez isso fique evidente por si só. Mas ainda assim, era preciso ser dito.

Sobre a história desenvolvida em si, aqui, ela é toda real. E, em alguns pontos, foi mesmo profética. Descrevi pontos que só aconteceram bem depois. E foi muito mais difícil superar a realidade depois de tudo. Sobre isso, escrevi a *Metralhadora de Ilusões*, a qual pretendo tornar pública em pdf em breve.

Basicamente o "Nauta Umbrarum" surge do blog que eu tinha anos atrás. O poema original homônimo me pareceu tão genial, àquela época estudante de latim, e pensei que sintetizava muito do meu sentimento e vida pessoais. Assim, ele está intrinsecamente ligado ao conteúdo daquele blog que em breve pretendo transformar em um pdf também, mas que muito se relaciona também aos textos que selecionei e coloquei sob o título *Os pedaços de uma criança*. Terminei renomeando o soneto *Nauta Umbrarum* para *Volcano*, e comprei uma garrafa de vinho, para onde fui com um celular para dentro da roça ao redor da casa de meus pais e ali escrevi, sob a fraca luz, com a mente ébria, os primeiros versos, que me consumiram, depois, muitas horas daquela noite, e muito tempo adiante.

Bom, depois de praticamente pronta, o *Nauta Umbrarum* ainda demorou muito a ser publicada porque eu estava todo utopista, pensando ser um gênio literário ou algo assim. Por sorte alguns anos mais me trouxeram mais humildade, e decido, dessa forma, ciente das imperfeições, dar a vocês essa obra, porque, ainda assim, a considero importante para mim, e talvez para a cultura poética da internet.

Estou plenamente ciente que existem muitos autores melhores que eu. Conheci alguns como Lucas Ferreira, que queimava suas obras e vendia poesias geniais anotadas em papel de cigarro, sem nenhuma preocupação de ter cópias para si, Pedro Gorrão, poeta sensacional e provocativo, além, claro, do Cláudio Floyd, punk das antigas, e criador da obra mais genial que eu já vi em se tratando de poesia marginal, fazendo tremer mesmo as bases da poesia canônica, com sua personagem transsexual debatendo os dilemas da humanidade em primeira pessoa. Se não me engano, e perdoem-me muito se esqueci o nome de sua obra, ela era *O Anal de Fogo*. Um texto com o qual eu realmente queria me reencontrar um dia. Todos esses citados são muito melhores que eu, além, claro, de Rubens Vinícius e Augusto Meister simplesmente saberem colocar sua revolta em versos de maneira melhor do que eu. Todos esses autores marginais, assim como eu, produzem material de alta qualidade, mas, todos, assim como eu, não tem um interesse em comercializar a sua obra ou pretensões de viver disso.

Nesse sentido, o *Nauta Umbrarum*, vem, seguindo na esteira dos modernistas e das grandes vanguardas poéticas que se usaram da epopeia, trazer uma mitologia da vida contemporânea, e buscando debater muitos pontos de nossa civilização decante. Creio, todavia, que já lhe forneci ambientação suficiente para compreender um pouco sobre esses versos que aí se seguem. Como querer conduzir a sua interpretação seria um crime que eu, enquanto autor, estaria cometendo, calo-me aqui e deixo de impedir que deguste, e diga por si só, você, o que é esta obra.

Daniel Sonne, 28 de maio de 2016.

Nauta Umbrarum

Os registros em versos de um marinheiro pirata

Através dos tantos mares da existência humana.

I

α

Mergulhado no escuro.
Ora remo, ora escrevo.
Um candeeiro com bateria de 3,7 *volts* ilumina.

β

Mergulhado no escuro.
Vem-me o vento frio do mar sobre a face.
Ora remo, ora escrevo.
'Stou nas trevas e o Mar frio me bate no rosto.
Será que conheço o Peixe
Ou o que me dizem dele livros de tubarões?

γ

Mergulhado no escuro, rumo à nossa galera.
Já vejo seu nome brilhar na penumbra: *Dionysio*.

We got five cigarettes
And a bottle of wine.

O Amor é demasiado pequeno.
Ao contrário é o Mar.
Mas o que é o mar além de sombras?
O que é a vida além de um Mar?
–Em pleno oceano me pergunto.

δ

Dionysio é imponente:
Tem sessenta remos de cada lado,
E cada um tem quatro braços para ser puxado.
Sobre o convés há uma ala, sobre a cabine, em forma de "V"
Com a ponta para a frente – onde situavam-se os canhões.
Com três longos mastros ainda, para sempre que possível
Economizar a energia dos braços com o vento empurrando as velas.
O busto de um dragão era incrustado em sua proa.
Chegamos à nossa Nau. Subimos a bordo.
Há aqui homens de muitos lugares:
Bolivianos, cubanos, chineses, haitianos,
Portugueses, espanhóis, franceses, ingleses
Alemães, gregos, russos, e outros miscigenados entre eles.
Também de Holanda, Inglaterra, Suíça, Itália, além de muitos africanos...
Se o idioma e a nação – ou qualquer outra coisa – os separa
Algo comum pode aproximá-los: o desejo de Liberdade.

Meu amigo – Wilhelm Heidevolk, de sangue normando – alerta:
– "Bravo está o Capitão"...
–"Por que demoraram-se, porcos?" – nos torna o velho comandante.
–"Porque teu Mar é uma imundície" – respondo. E ele:
–"Abraça-me, rato!" – estendendo os braços – "Compreendes-me!".
E continua:
–"E não se esqueça: sob a égide de Bragi 'screva!"

ε

Sorrimo-nos. Fala o Capitão:
–"Avante, marujos. Vamos rasgar as sombras.
Icem as velas! Dê-me alguém o timão!
Preparem-se: nossa viagem será longa
Como a noite em que se rompe
O véu da virgem amada. Avante! Avante!
Bebam o que devem beber, esquentem-se!
Mas não façam como o descalço bobo de Atenas, ou
O outro, em paus cruzados! Avante! Avante!
Não olhem para trás. Ou olhem, mas não prendam-se!
Veremos ninfas – mas não as amem! Vivam-nas.
Veremos deuses maus – mas não os temam: Matem-lhes!"
Todavia, nosso Místico não parece nada feliz.
Consulta estrelas, joga runas, faz cálculos
Sob seu longo manto negro, e a barba que lhe cai sobre o peito,
Alva como os cabelos, tendo os olhos azuis, o homem calcula a sorte.

Sem percebê-lo, o outro prossegue gritando:

–"Avante, avante!
Não podemos perder tempo ou parar!
O Mar nos espera, a viagem é o que nos interessa!
Marinheiros, permaneçam fiéis ao Mar!
E não confiem naquilo que vem da terra!
Avante, avante!"
Assim falou o Capitão. Ouvem-se alguns em coro:

"*O fortuna,*
Velut luna
Statu variabilis..."

II

Rasgando a sombra, primeira manhã.
Dias de Halcíone a nos enlouquecer;
Céu escuro, céu de nuvens pesadas, mas céu sem chuva: nevoeiro.

O Capitão fita, com muita desconfiança,
Pousando sua luneta sobre tudo.
Algo parece errado. Ele sente cheiro de fadas. Olha para nosso Místico.
Por fim nosso ancião Zauberer nos diz:
–"*Dionysio* sobre a influência de Isa está..."
–"Isa?, que inferno! Justo a Runa de gelo?"
–"E sinto que sua ação é imediata..."
Grita, o barbado velho comandante:
–"Eia, eia!" – e prossegue, gesticulando: – "eu mandei parar!".
Não entendemos. As águas empedram-se,
Trava-se a proa de nossa Nau. Um frio insuportável nos abraça:
–"Infelizes, vos mandei parar! Vejam agora! 'Stamos presos no gelo!"
Ouvem-se orações – mas temem a névoa menos do que o Capitão.
Encalhamos, como agora avançaremos?
Como a viagem continuar-se-á?

Six cigarettes to smoke,
And a bottle of wine.

Pede que esperemos. Ouve sinais, esforça-se para decifrá-los.
Algo surge – ou não? –, novamente aparece – ou não?
De pernas cruzadas senta-se no mastro. É uma fada.
–"*Bon soir, ça va bien?*".
–"*Vade retro, Satana!*" – torna o nosso comandante.
Outra aparece. E mais uma. Dezenas.
–"Somos do clã da *Fée Verte*.
Estamos em paz. Queremos apenas diversão,
E vós? Apenas viajar".
Torna o Capitão:
–"Vão-se, miseráveis!"
Sorriem-se todas, nos cercando, num coro irônico:
–"*Eloi, Eloi, lammá sabachtháni?*"

O Capitão olha-nos, não tem saída, paciente, pesa o momento:
– “Tudo bem. O que querem?”
Respondem, em coro, novamente:
– “Aguardávamos nossa hora, para acompanhar-te, Onipotente!”
Elas todas, verdes como folhas, os pés pousaram sobre o chão.
Avançavam, então, para nos intimidar:
–“Qual resposta pode nos dar?”
O Capitão olha para nosso mago, que dá de ombros.
–“Minha Nau *Dionysio* chama-se” – tornou o comandante – “que posso eu dizer?”
Sorriram-se, entre a névoa, as fadas de pele verde, portentosas:
–“Avante, avante!”
–“Mas como?” – tornou um marujo – “Não podemos fazê-lo!”
–“Cala-te.” – retrucou o Capitão – “Obedece-as!”
Erguem-se as velas mais uma vez. O gelo dissipara-se e nem percebemos.
Abraça-o a líder. É Brunhilde:
–“Avante, para *nossa* ilha, Capitão?”
Este, co’a mão nas ancas dela, lhe sorria apenas:
–“Ao Mar, ao mar!”

III

Navegamos. Primeira ilha. Quase prontos para desembarcar...
Cerca de um dia se passou. Madrugada escura.
Ventos frios e céu nebuloso.
Wilhelm me sorri, por baixo da espessa cabeleira de ouro:

Vinho, amigo, na taça engoli, e muito rum!
Venho, amigo, p'ra cá pois o mar me seduz.
Eu, amigo, casar? Não tem dama, nem tchum!
Só quero me embriagar, estou fora de cruz.

Cantava e remava, remava e cantava – mas...
O Capitão indaga o Mago sobre os auspícios. E este diz:
–"Nada bom, nada bom. Viagem ofuscada por Thurisaz..."
Isso é um mau sinal... Nem terminam de falar...
–"Chuva de flechas!" – põe-se aos gritos.
Muitos dos nossos caem. Ouve-se um forte brado;
É Staurós, o Rei Angustiado, que se opõe ao Capitão:
–"*Eli*, *Eli*, vós voltastes? Outrora me abandonara..."
E o Capitão:
–"Ingrato! Como não o querias?"
Todos os vivos restantes armam-se,
Largamos os remos, e, com arcos e flechas, disparamos.
–"Traidoras!" – ira-se o Capitão – "Merecem o círculo central!"
E Brunhilde, nervosa:
–"Somos igualmente vítimas, *Petit Ony*!
Não sabemos do que se trata!"
Reclama Wilhelm:
–"Estragaram minha música – infames!"
Soa a voz:
–"Sou eu teu Brutus, *Eli*. E não dirás 'tu também', para mais ninguém...
Apenas a mim. Pois largaste-me lá, onde reina a caveira!"
Olha o Capitão Brunhilde. Ela torna:
–"Vês? Ambos fomos traídos!"
Brada contra a terra o Capitão:
–"Como não querias? Lembra das pedras de David? Dos dois golpes de Judite? Mas
[dás a outra face, infeliz!"
Volvemos violentamente ao mar. Apenas observo e 'screvo.
–"Anda, rato com a pena, tu também!
Abandona um pouco os papéis, e toma um remo como os outros!
Ou queres ser tu o holocausto de hoje?"
Sem rumo no mar.
Temos fome.
Navegamos...

Brunhilde e as verdes choram:
–"Perdi o pai, perdemos nossa ilha, perdemos Siegfried.
Ai! Não nos escape tu, *Petit Ony*, e tua Nau, *Dionysio*!
Aqui agora é nosso lar, esposas vossas vamos ser-lhes.
Paguemos assim por nossa vil inocência!"
Mas a resposta é terna:
–"Paz, paz. Não vos submetam. Novas ilhas dar-lhes-emos!"

–"Não tenho notícias alegres"– resmunga o mago –"Sob
Perthro, o mistério, parecemos estar. O futuro é uma criança
Que ainda não gerou-se... Nada dela podemos dizer ainda..."
Bate o cajado no chão, respira:
–"Após isso, há Inguz, para recuperarmo-nos, o que é bom sinal.
Gute. Em seguida, Dagaz anuncia nossa aurora..."
Não tínhamos outra opção além de confiar no Místico.
Mas suas palavras não eram tão animadoras.

Estivemos então meses à deriva no mar.
Apenas controlada economia e racionamento nos manteve.

IV

O trabalho tornou-se muito árduo,
Para que a sobrevivência fosse assegurada.

Mas durante as noites sempre podíamos nos reunir
E contávamos (ou cantávamos) uns aos outros histórias de
Nossas letras (às vezes entre lágrimas).

Certo dia ouvíamos alguns antigos, que, não com muito orgulho,
Discutiam a história de um antigo profeta.
Sentamo-nos todos, mastigando. Entre nós estavam também
Algumas fadas. Prestamos atenção ao primeiro:

Bem, já que me pedem que vos conte,
Assim o farei. Mas não com muita soberba.
Este homem do qual me perguntam havia
Nascido numa região pobre, de um povo
Que desde sempre fora odiado, e há
Muito subjugado, por diferentes mãos.

Era ele um homem extraordinariamente sensato,
Popular, complacente. Operava obras, ditas por
Alguns, milagrosas.

– ouviram-se não escassos risos.

Naqueles tempos difíceis, obscuros, ele surgiu,
Como muitos, prometendo ser o Messias, que
Para seu povo, não era sinônimo de divindade,
Mas de batalha, liberdade política.
O seu tom, apesar disso, era diferente,
Não falava de sangue por sangue, mas perdão.

Poupo a parte da fábula que parece verossímil,
E também a inverossimilíssima, e que já conhecemos.
Lembremos apenas que ele tinha
Doze apóstolos. Uns menos, outros mais calmos.

Este profeta, chamado Yeschuá em seu tempo, ou
Iesus, pelos romanos que dominavam os
Seus país e povo, não pensava em tomar
Armas para a revolução – havia visto muitas
Falhas tentativas – sabia que
A sombra de Roma era gigante.

Tinha, antes disso, um plano audacioso, e,
Por metáforas e figuras complexas como "casamento",
"Noivo", "Cordeiro", "Pastor", falava em uma forma
Trágica, mas gloriosa, de se sacrificar por seu povo.

Assim preparou sua vida para aquele momento,
O momento em que os nobres judeus, coniventes com
O césar, e os romanos daquela área, seriam desafiados.

Certa noite os ânimos já estavam por demais exaltados
– e, de certa forma, a agitação popular não era como
Yeschuá havia imaginado, pondo-se ela conivente com
A rebelião –, e o momento não podia esperar muito.
Então ele fez uma ceia e comunicou que a hora do sacrifício
Havia chegado. Tinha um discípulo – cabeça dura
Como uma pedra – que se opunha, não compreendendo
Os planos de seu mestre, àquela ideia.
Explicou Yeschuá que alguém precisava ir até os fariseus,
Importante camada dos judeus, e tornar possível o
Sacrifício.

Obviamente todos opuseram-se, o cabeça de pedra
Ainda diz-se disposto a morrer com o chefe que negá-lo
Ou entregá-lo, mas certo é que alguém ali devia
Fazer o que era necessário. Yeschuá pediu então que todos
Se aproximassem, e pôs seis pães num cesto. Pediu que
Os discípulos, sem ver, pegassem um pão, e disse que
Aquele que pegasse o mesmo pão que ele, teria de fazer
O que ninguém dentre eles queria.

Quando abriram seus olhos, o discípulo que sabemos ter pego
O mesmo pão que Yeschuá foi Yehudhah de Qeryoth.

Não com prazer Yehudhah foi ao encontro dos nobres,
Fê-los crer que seu mestre não mais o agradava,
Guiando-os até Getsemâni, onde Yeschuá aguardava
Por seu destino. Alguns discípulos – não satisfeitos com
O que seu companheiro fez, afinal não compreendiam
Que o sacrifício era necessário para que o nome Iesus
Fosse impresso com sangue muito mais que numa placa
Sobre sua cabeça numa cruz – revoltaram-se com Yehudhah,
E depois ele então apareceu, obscuramente, enforcado.

Alguns dizem ainda que ele fora, fugindo das mentiras,
Para o deserto, com tribos de judeus sublevados contra a
Aceitação dos influentes compatriotas ao domínio romano.
Assim minhas investigações me levaram a crer.

Dos gregos, ouvíamos tocar *Tumbalalaika*.
A canção judia nos embalava naquela antiga história.
O segundo, já impaciente, sorriu e começou seu discurso:

Eu agradeço sua versão, mas ela leva bem pouco em consideração a
Política. Yeschuá era um político que impunha um novo padrão moral.
Todavia, ele era bem pouco ortodoxo para um Messias. O zelote discípulo
De Yeschuá, Yehudhah de Qeryoth, talvez tenha ficado insatisfeito com
O método pacífico – contrário à índole radical da qual descendia – e
Tenha abandonado seu mestre. Certa noite voltara, arrependido, ou querendo
Protegê-lo daquilo que os fariseus armavam contra seu antigo mestre,
Com apoio armado. Mas os espertos intriguistas haviam semeado
A traição entre os que seguiam Yehudhah naquele momento, e, tão logo
Ele beijava Yeschuá em sinal de respeito, os homens comprados fizeram o
Contrário daquilo que houveram prometido a Yehudhah.

Este ainda tentou lutar contra aquilo, mas fora simplesmente
Enforcado por aqueles que o traíram. Assim disseram-me.

Um terceiro retificou:
–"Percebem alguns ainda que Yeschuá toma uma
Certa mudança de postura. Parece ter deixado aquele
Homem do sermão da montanha n'algum lugar
Distante... Arrepende-se Yehudhah então..."

–"Ele não fora um traidor!" – arguiu outro.
–"Yeschuá podia ter pedido reforço armado!" – pensou
Mais um –"e aquela tropa de reforços traiu a Yehudhah
Prendendo o mestre dele, e em seguida enforcando-o, para
Evitar a retaliação!"
–"São tantas as possibilidades," – interferi –"que é até difícil
Acreditar que alguém afirmou ser simplesmente algo. As histórias
Oficiais sobre o assunto são extremamente lacunosas, e
As interpretações e reconstruções quase sempre inseguras".

Heidevolk riu-me:
–"Ora, rato! É apenas uma conversa.
Não estamos procurando resolver o problema
Da humanidade, pelo menos agora. Apenas
Mostrar algumas das tantas formas de que pode ter o fato ocorrido.
Mas não creio que Yehudhah fora uma vergonha
Para Qeryoth, como quiseram dizer, no curso da história.

–"Aos remos, ratos!" – grita o Capitão –
"Já conversaram demais sobre assuntos pouco ortodoxos!
Agora pensem em tudo o que disseram!
Eia, eia, precisamos nos encontrar! Temos que
Achar-nos! Não suporto mais esse caldo de peixe
D'água salgada! Eia, eia, ratos!"

V

‘Scorpião – vinte dias sem novas munições de boca. Apenas o pescado.
‘Scorpião – sob a constelação velejamos.
‘Scorpião – a fada co’ este nome avança, calma:
–“Capitão... Sob meus astros estamos. Baixem velas.
Capitão, marinheiros, descansem os remos.
Onde há papéis?”
–“Papéis?” – torna o Capitão. – “Há-de tê-los o poeta”.

Veio-me. Sorriu:
–“*O genki desu ka*”.
Entreguei-lha algumas páginas em branco.
Não discuti o porquê da estranha língua.
Fez alguns cálculos e anotações. Após isto abriu asas e voou.
E eis que sorriu o Capitão para o Mago:
–“Velho oráculo, veja que nossa aurora enfim chegou!”
Brunhilde sorriu:
–“Scorpia Subadjuva voa, e a nós trará ajuda.
Scorpia é fiel: uma dionysíaca. A única de cabelos negros,
A única de pele índia. Mas tem alma verde. Scorpia voa,
Voa, Scorpia!”

A voz da líder fugiu pelos ventos. Scorpia, pelo ar, retornou:
–“Avante, dionysíacos! Meu refúgio é eminente,
Meu refúgio está iminente...”
Seguimo-la. Segunda íncola.

Desembarcamos. Localização deserta. Scorpia cantava:

Para lembrar-me da pátria
Minha, chamei Nictheroy
Esta nossa íncola. Bebai!
E totalmente saciados
Todos devemos estar
Pois amanhã nós talvez...

– e respirou fundo –

Talvez ceiaremos no inferno!

A galera no mar ficou, e de bote viemos.
Partimos caçando animais, colhendo frutos,
Construindo tendas provisórias. Levantamos fogo,
Assando a carne, aos montes de arrobas, e, enfim,

Nos abastecendo de muito vinho.

Alguns dos gregos, com seus instrumentos de corda e percussão,
Entoavam músicas de suas terras. Todos dançávamos,
Ao som de Lálos, Eypeithés e Polythelés.
A noite caiu ao som da flauta ateniense.

O Capitão a sós com Brunhilde repousava.
Busquei um sítio ermo e calmo. Dormia já,
Após versificar os fatos. Meu corpo despertou, por Scorpia:
–"Que fazes aqui sozinho, marujo?"
–"Apenas 'screvo: melhor que no Mar assim navego."
Torna-me ela:
–"És então um navegante virtual, bem como eu..."
–"'Screves?"
–"Sim..." – repousou em meus braços – "uniu-nos a misantropia..."
O peito dispara. O olhar castanho, profundo como a noite, envenenou-me com
[seu doce. Beijei-lha os lábios.
Sorriu-me ela:
–"Não quero saber como te chamas. De agora em diante,
Nauta Umbrarum serás: não mais 'rato da pena'.
Ser-te-ei sempre, ainda que morta, a eterna Musa..."
Não pediu, ordenou-me.
E não sabia que antes disso eu sequer possuía um nome...

VI

Sob um signo de água ainda
Sete crepúsculos após o que narrou-se, ao mar estamos.
As Plêiades haviam deitado-se há três dias.
Noventa e duas musas em *Nictheroy* ficaram.
Quinhentas e setenta e quatro permaneceram. Uma para cada homem. Exceto
Para os marujos homossexuais ou os que dispensavam tais requintes.
Procela pesada, ventos prodigiosos.

A voz dos trovões ouvimos:
–"Quem sois vós, quem? Quem ousa invadir-me o mar?"
Imponente, pergunta o Capitão:
–"És Niord?"
–"Niord?" – e riu em escárnio – "quem és? Acaso não sabe que para um novo templo
[erguer-se, é necessário que caia o antigo? Niord ou Poseidon? Está morto.
Nós
[o matamos".
Assim dizia a tempestade. As malaguetas dançavam
Insurgidas contra a autoridade do comandante.
–"Recolham as velas! Rápido! Não parem de remar!"
–"Pensas que podes resistir?" – desafia a tempestade.
–"Por acaso toda a força dos seus pôde em algum momento
Verdadeiramente me destruir?" – empunhando o timão –
"Somos realmente fortes! Nós, marujos deste Mar
E nossas fadas valorosas! Se Niord contigo não teve sucesso,
Não pense que sou igualmente fraco!
Resistiremos! – sua tempestade em algum momento começou,
Mas, breve, diluir-se-á!"

Observava eu. Um raio atinge o Capitão:
–"Vás, junto co' ele!" – grita o estranho demônio.
Segurei o guia, lesionado. Em meus braços desfaleceu. Tornei, irado:
–"Quem és, maldito herético, que atacas nosso antigo Capitão?
Um golpe desferistes, não matou-o, bem sabes que mais não podes!"
Brunhilde, chamando algumas das fadas
Corre para socorrer o timoneiro ferido.
Mesmo sob intensa chuva, preparavam magias
E curativos. Aos cuidados imediatos dela ficou.
Novamente a voz ressoou, importante, mas impotente:
–"Fui degolado. Na Roma de vosso Jove..."
–"Sou filho de Tupã, pelo ventre de Jacy!"
Irou-se, novamente:
–"Bastardo, tupinambá!"
Corri os olhos pelo chão. Uma longa maça tomei por arma:
–"Teu crânio está no destino de minha Ibira-pema!"
–"Tolo, que no novo deus do Ocidente não crês! Sofrerão!"

Assim, após a ameaça, atacou-nos. Resistimos bravamente.
My alcohol and my cigarettes are ended. Alguns o *Pater Noster* entoar queriam.
Resfolegante, abriu os olhos o Capitão:
–"Não, não! É a súplica dos deserdados, não!
Avante, avante, *Gulden Valk*!"
Recolhemo-nos. Obedecemos-lhe.

Rasgando as sombras. Mergulhados no escuro.
Brunhilde e as verdes levam o Capitão
Para ser tratado em sua cabine.
Do lado de fora permanecíamos contra
O imperioso espírito que planava acima das águas.
Nosso mago invocava feitiços poderosos.
Scorpia abraçava-me:
–"Um romano soldado este foi.
Traiu-se a si próprio, entregou-se – infeliz!
E sua imagem reformada do filho pródigo tornou-se bem mais
Popular que a real. Assim crêem n'Ocidente!"
Suspirei-lha baixo, ao ouvido:
–"Scorpia, és meu Mar." – delirava o Capitão entre panos, ferido –
"Eu vos amo! Preciso contigo fugir das sombras!"
–"Nauta Umbrarum, Nauta Umbrarum" – respondeu-me ela – "força.
Serás forte; apenas isso te peço".
Senti a Potestade em mim. Entoei, e os marujos respondiam:

–"Rasgo as sombras" – disse só –. "Nós também" – todos juntos.
–"No Mar 'stamos, que medo há" – "Somos ratos".
–"Somos ratos" – "Somos ratos" – "E imundos" – "E imundos!"
–"Avante, tome a lança" – "Dir-nos-ia o Capitão".
–"Contra o vento!" – "Contra o fumo!"
–"Eia, eia, vida sem explicação" – "Como quem cai em um vulcão".

Avançamos dentro da poderosa procela, que se intensificou.
Ouvimos-lhe bradar:
–"Infelizes! Desistam! Inútil é! Infelizes!
Temos todo o Ocidente, mas e teu Capitão? Mal pode com Israel!"
De peito erguido, seguimos, remando e cantando:
–"Caia, chuva de ferro, cai, intransparente!
Caia, cegueira do mundo, por que não nos dá a vossa face?
Por que encarastes *Maometh*? Por que vem nos inquirir?
Dê teus últimos suspiros, duplo traidor, avançar-te-emos sem temer!
'*Che furon come spade alle scritture/ In render torti li diritti volti*'".
E a tempestade, desesperada:
–"*Eli*, *Eli*..."
E nós em escárnio:
–"*Lammá sabachtháni*" – e rimo-nos da piada.

VII

Como que caindo de um balde que vira
Desfez-se o céu em água – mas água calma.
Entramos então na cabine.
Ali Brunhilde ao Capitão zela:
–"Não morra!" – nos sorri, e beija-o os lábios – "meu velho amor!"
Tirando algo d'um alforje, ergue-me a mão o Capitão:
–"Tome, meu filho:

Six cigarettes
And a bottle of wine".

Rimo-nos. Delirante está, que fanfarrão!

Grita Wilhelm: – "Eia, estultos! É Iormungand!
Olhem, pela alheta, à Boreste".
Desesperados, corremos pelo convés. Agora isso? Que maçada!
O mar revolve bravo. Não conseguimos remar. Gritos eufóricos.
Alguns dos braços de madeira quebram-se.
As águas não param de dançar violentamente,
Sentimos a mesquinhez do homem perante o mundo,
Perante este Mar.
Muitos dos nossos homens caem n'água.

Vemos algo – imenso – içar-se da água.
É *apenas* a cabeça da serpente. Cada dente seu vale o tamanho de nossa nau.
Abre a boca; se prepara... O que sentimos não é medo, é desgosto.
Uma profunda insatisfação conosco mesmo,
Por, sem as ideias de nosso Capitão, ficarmos
Inicialmente tão frágeis, sem forças, sem rumo.
Após vencer aquele espírito, seríamos devorados
Por aquela imensa sanguessuga de cartola?
Brunhilde corre para fora;
Vê algo e surpreende-se:
–"Irmão, irmão!" – grita ela. A serpente para. Desce. Fita-nos todos. De sua cabeça ve-
[mos pular algo. É um homem, com um elmo na cabeça. Diz ele:
–"Valquíria! Como conheceu-me? Abraça teu irmão!"
Enlaçando-se a ela:
–"Thor, como estás vivo?"
–"Melhor que morrer matando é aliar-se e superar! E tu,
Quem seria tu sem a amizade e a família agora?
Apenas um aperitivo de Iormungand!"
Desce a serpente a face. Tira ele um barril que empurra da cabeça do monstro ao piso da nau:
–"Hidromel para todos! Bebai, bebai!"
.....
O Mar, após nova e inesperada vitória, fica calmo.
Fadas inebriadas dançam, voam e divertem-se com
Os marujos. Todos nós festejamos muito, ao som dos gregos,
Que encantavam-nos com suas canções, por vezes episódios de suas
Grandes epopeias clássicas...
Com tais fatos superados, o Hidromel era mesmo
O licor dos deuses! E nos fartamos, emancipados
De tais duros problemas!

As comemorações foram até alta madrugada.
As fadas, bebedíssimas, doaram aos marujos
Toda a lascívia possível – a equação Homem + mulher + álcool
Nunca é igual a zero confusão.

Retiro-me, como era meu costume, para um deserto...
Um lugar em que eu pudesse me ouvir, com uma
Fraca luz, ler algo... E assim, reservado,
Continuo a festa ao meu jeito: preparando-me para
A próxima luta...

VIII

Jogo num canto o livro que lia. É a *Divina Comédia*.
A ebriedade passou-me, muno-me com a pena. Scorpia não está.
Ouço os ruídos de madeira. A flauta grega ainda
Faz dançar seu som, terna, pelo vento.
Saio. Sinto um sopro frio abraçar-me.
Iormungand passeia ao nosso redor, feliz em guarda.
Thor, bêbado, por ali dorme agarrado a uma fada, por baixo de lençóis.
Ainda tenho beatrizes, luzes, virgens, anjos e deuses na mente.
But no alcohol or nicotine.

Sento. Observo o céu. Observa-me ele também. *Dionysio* agora dorme.
Quanto furor para um único dia! Quanta exaltação!
Mas terminou tudo bem, como diz Dante, como uma comédia.
Rio-me ao vento. Sei que pouco durará. Vem-me Scorpia:
–"Para onde vamos, nesta nau?" – abraça-me.
–"Onde o vento nos leve e o Mar nos deixe".
–"Sem rumo?"
–"O que é um rumo?"
–"Um destino. Um lugar certo para o qual se deve ir".
–"Isto é ridículo. Se soubéssemos para onde vamos, qual a graça da viagem, da descoberta?
–"Nau sem rumo se perde no mar".
–"E por que as naus existem, se não para perderem-se? Estúpida da nau que tem um [caminho, que não lança-se ao Mar, para – mais cedo ou mais tarde – destruir-se.
Tudo tem um fim".
–"O Mar fica".
–"Não somos o mar, estamos no Mar. E, para nós, nada há fora dele".

IX

Que dor! Um marujo pomposo – disse-me poeta ser –
Quis ensinar-me uma tal de "métrica". Enredava as palavras como um pescador
Que lança sua teia ao mar, e depois larga os peixes a morrer no navio
Para salgá-los, e comê-los posteriormente, sem o gosto natural! Infeliz!
Prefiro que minhas palavras voem, sem meu controle,
Que cantem, mas que cantem ao ar livre para quem puder ouvi-las
E não tiranize-as eu com uma gaiola para mim somente. Que egoísmo!

Disse-me: –"Bem escreves" – atento eu ouvia –
"Mas a técnica lhe falta. Veja: vogais sempre juntas..."
–"Pobres das palavras. Respirem, muito além destas grades!" – lhe disse.
Ele, bravo, tornou-me: – "Louco". Obrigado!
Prefiro ser um louco livre, que um são preso. Voem, palavras!

No convés, marujos cantarolavam:

"*Semper crescis*
Aut decrescis;
Vita detestabilis..."

X

Ando. Não sei com que dores ou com que mágoas.
Minha vida é um espelho refletindo a escuridão;
A efemeridade me angustia.
Caminho,
Mas não sei para onde, marchando fatalmente
Ao nada. E eis que suspiro – e eis que suspiro! –
Eis que penso que suspiro – ou estaria eu enganado até mesmo quanto a esta *aeterna veritas*?

Mas não penso mais nisso (sou bem pouco cartesiano, afinal),
Apenas ouço: meus pés trotam a náusea material do solo
Levando-me misteriosamente – para o desgosto de Zenon – de um lugar ao outro.
Não tenho febre, escrevo no mar, tatuando-me impreterivelmente em cada onda
Do Mar da Existência.

Sim, é isto! – vejo – Não há solo, pisamos sempre n'água
Por isso é tão difícil se firmar por algum lugar, fundar alguma certeza!
A 'Strela está de volta em minha vida novamente – Até quando? Não sei! –
Por isso quero viver, me arriscar a atravessar esta fina ponte...
Que leva para o ápice, ou para lugar nenhum.
Viver é apenas mágoa,
Mágoa é apenas sentir,
Sentir é tão falho quanto pensar.

Por isto eu invejo as pedras:
Não encontrou-se um Aristóteles lítico – e mesmo assim elas são felizes!
Felizes por não precisarem ser felizes
Por nem saberem o que é felicidade
Ou que temos uma palavra para isso – que ironia, Capitão, como eu rio!

O Ser não é essa esfera perfeita e una, que quis um anti-heraclitiano.
Talvez seja apenas um erro, uma palavra.
E a solução para seu problema, como erro,
É apenas calar-se.
Apenas o silêncio.
Aliás, por que estou falando?

XI

Porém a noite chega. Os anjos caem.
Das nuvens penduradas no céu da minha imaginação
Escorrem pequenas gotas de água
Batizando-me a face com a pureza das dádivas materialistas.

A Lira já se ergueu: talvez por isso a filosofia poética
Tenha tanto se ascendido em meu pensamento.
As fadas passeiam com marujos embriagados.

O vento me traz a frieza do Mar,
Sem que eu precise, tal qual medrosos navegantes, ousar cortá-lo.
Mas apenas meu peito gela, embora minha cabeça rode como numa embarcação.

Nada é a vida além desse Mar,
Que achamos conhecer e navegamos, e que todavia nunca conseguimos
Prever, ou proteger-nos ou evitar, pois não navegamos duas vezes no mesmo Mar.
Que é a vida além desse Mar?
Este, que apenas por fotos, pelas bocas de outros, em livros e poemas, nós vemos?
O qual ao pormos a ponta do pé numa poça d'água julgamos – muito erroneamente – conhecer,
[da beira até as profundezas?

De fato se nunca navegamos o mesmo mar duas vezes
(Mesmo ao seguir um caminho já desbravado)
Não estamos nós fazendo uma viagem única
Que não repetir-se-á tal como foi?
Não é heresia pensar que sabemos algo metacélico?
Ou da vida? Ou de nós?
Deste imenso Mar incompreensível em sua totalidade?

Mas a noite chegou sem uma garrafa de vinho
Ou um bom cigarro que a aqueça:
Ela vem sempre assim, quieta, bela e nova como a Lua.
Apesar de suas constelações parecerem estáticas,
Cada vez que amanhece, perguntamo-nos se elas estarão lá novamente ao anoitecer,
E até hoje talvez tenha dado certo.
Mas... que será de minha vida,
Perdida nessas águas gélidas, inóspitas, e tempestuosas
Quando a Estrela apagar-se ou mover-se e
Nossas bússolas enlouquecerem?

Aqui, neste oceano de titaniques, bolcheviques e moçambiques,
Haverá algum caminho a seguir ou desbravar

Sem nossas fúteis estrelas? Sem nossas bússolas estúpidas?

XII

O Mar se acalma, a procela parece menos irada.
Estrelas terminam (rindo) sua brincadeira de mudar-se, e a Lua
Com sua metade superior sombreada
É idêntica a um grande olho que, como um inquisidor,
Observa-nos. E por muito pode querer-se provar
Que isto não é falso.

Que seria de nós sem a Lua
Para, mesmo sem conhecer sua real serventia, fazê-la nosso escopo
De metafísica silenciosa e misantrópica?
Mesmo que não possua qualquer sentido
Já possui a ilustre função de ser um objeto que,
Por mil conclusões diferentes entre si, imaginamos
Haver alguma utilidade... Mas, precisamos desta determinação?

Necessitamos dessa Lua, de uma lua ou de mil luas
Que sirvam às explicações dos místicos, filósofos, religiosos e cientistas
Ou de dúvida a nós, scépticos.

Mas os ventos chamam os pensamentos...
Dão eles direção à nau, sob sua onipotência física...
E assim os navegantes lunáticos deixam sua Musa para outrora...

XIII

Primeiro deixei a religião para viver a morte numa revolta
Mas agora é visível que tão grande tormenta
Nada fez além de derramar a água do copo que tempestuou.
Foi necessário insurgir-me contra meu ultrarromantismo e
O meu goticismo interior, contra esta radical antítese de meus pensamentos,
Esta mortificação supersticiosa e pessimista,
Demasiado católica, como tudo que se diz satânico.
Marcho rumo àquele estágio final de consciência,
Que é uma calmaria contemplativa da descrença
(Algo bem mais cabível ao século que me abriga).

Algumas tempestades passaram, outras se formaram, muitas ainda virão,
Contudo, já estou ciente de que deste inferno não fujo mais,
Não por certa condenação, mas porque há outros
Mais reais e presentes com que preocupar-se.

Posso, em minha ipseidade, ser um Mar
E apenas um rio sujo invadir-me,
Mas este rio Tie Theos que como o Tietê é impuro,
Pouco me incomoda ou modifica em sua imundície.
Rio-me: –"De macacos que crêem, a homens que pensam".

Mas já chega de blasfêmias.

Wilhelm encontra a mim para acompanhar-me.
–"Amigo, o que há contigo? Faz muito tempo que estás pensando".
–"Não sei, de descobrir gostaria, mas, veja
Não é fácil compreender uma gota solta deste imenso Mar,
E tomá-lo, ao todo, é menos inteligível ainda!"
–"Talvez porque para navegá-lo seja bem inútil conhecê-lo.
Nisto os livros são ruins! Tiram o prazer da descoberta das coisas.
Pois fazem algum scéptico do mundo dizer compreender algo
E outro tonto pensar conhecer a essência das coisas
Apenas pelas vazias palavras de quem o precedeu!"
–"De fato, Wilhelm, é grande a diferença entre as coisas e as palavras".
–"Mas não lhe pouparei o prazer de tentar: pelo menos, como nosso
Mestre do Fogo, queres descobrir as coisas em si mesmo, no próprio *λόγος*, e não
No dos alienados senhores do saber. Continue a escrever!"

Disse isso e foi-se. Tomei seu conselho.

XIV

Pois há ainda muitos icebergs, muitas tormentas em mim.
Como posso eu desta forma encabeçar uma esquadra?
Trovões rufam apenas em meu convés.
Chuvas, ventos: tempestades.

Mas não quero mais ficar byroneando
Murcho pelos cantos.
Há muito deixei tais mares orientais.

Agora quero realmente buscar o melhor caminho para
Levantar minhas velas e ser levado
Pelo Zéfiro da Vida.

Qu'est-ce qu'il y a avec moi?
Je suis étourdie beaucoup
Et je veux me rencontrer
Et je veux me rencontrer...

Enquanto eu cantava, surge-me Scorpia e o olhar seu
Me penetra a alma. Sinto vergonha de tamanha confusão.
–"O que há contigo, Nauta Umbrarum?"
–"Pediste-me apenas força. E temo falhar com você,
Mas principalmente com todos nós, por conta disto".
–"Nauta Umbrarum, Nauta Umbrarum. Tenha calma!
Os deuses estão irados contigo. Seu Capitão está fraco.
Cabe apenas a você as decisões que lhe afetam, neste momento.
Coragem, força, são a mesma coisa: e apenas isso novamente
Lho peço. Tenha calma, e a coragem virá até ti".

XV

O Capitão guiou-nos de Mileto, o *αρχέ*
Até a modernidade, o *άπειρον*.
Mas sente agora a Fênix chacoalhar-lhe da cabeça
Os pensamentos da parte mais gélida e inóspita da dor de Niflheim.
Porém ele é bravo! Transgride os Mares, transcende-os, a névoa
Passa-lhe a ser apenas riso – ou dolorosa vergonha.

Não é que eu esteja no Mar,
Mas muitas vezes é exatamente como se me afogasse – então
Luto, em demasia luto, nunca é em vão.

É como se os dedos quentes de uma mulher
(Que tem o epíteto de "Angústia")
Buscassem-me de volta ao frio de seu ventre.
Mas nego-me, preferindo meu caos.
Fazendo-a bradar descontrolada de fúria.

XVI

A proa rasga o frio, comum daqueles dias.
Enrolados em peles e grossos panos, remamos.
O vento sopra a vela, nos ajudando.
As fadas permaneciam nos *decks*,
Reservando-se da baixa temperatura.

Nosso Zauberer passeava, medindo estrelas e resmungando
Sozinho. Comigo mesmo fazia descobertas e entrava em contradição.
Sentia o vento, esticava a orelha.

–"O que há, velho esquisito?" – indaga o Capitão.
–"Parece que temos problemas".
–"As runas o dizem?"
–"Não, não. Meus ouvidos".

Mal terminou isso,um surdo estampido soa:
–"Estamos sob ataque!" – brada o Capitão –
"Esta é hora de atenção! Preparem a pólvora, mirem
Os alvos! Não os deixem fugir!" – a bala cai contra o casco –
"Rápido, rápido!" – novos disparos – "Maldita névoa!
Onde está o inimigo? Apareça!"

Corremos, muitos largando os remos. Sobem aos canhões,
Empunham arcos e permanecemos todos atentos.
Furiosas, as *fées vertes* surgem prontas para a batalha.
A neblina dá algum espaço à nossa visão –
Percebemos então uma esquadra com sete fragatas.
Algumas avançavam, proas apontadas para nós,
Enquanto quatro, faceando todos os canhões de boreste
Contra a nossa direção, os acobertavam sob a pólvora.

Traziam a bandeira de Staurós.

XVII

O Capitão não parecia abalar-se. Suspirou e gritou:
–"É hora da guerra, marujos. Temos de vencer, sós, estas sete
Fragatas, sete armas que se apontam contra nossas cabeças.
Mais do que destruir a todas, precisamos dominar algumas.
Chega de correr de Staurós – usemos sua força contra ele mesmo!
Corrupto! Avante, avante! Nosso casco é feito com madeira de
Yggdrasil! Há-de suportar uma boa dose de ataques!
Wilhelm, tome aqui o meu timão –
Mantenha, até segunda ordem, à boreste!"
As fadas tomavam seus dardos, arcos e flechas,
Quando o Capitão reprovou-as:
–"Loucas! Que pensam fazer? Abriguem-se!"
Brunhilde, ousada, de peito empinado, desafiou-o:
–"Aqui também é nossa casa, somos guerreiras!
Tente tirar-nos da batalha, se quiser dois inimigos!"
–"Mulheres... Tudo bem, suas descontroladas.
Se é sangue que querem, usem sua fúria contra eles, e não nós!"

Nossa galera permaneceu então virando para a direita,
Saindo da posição de quase total falta de defesa,
E encarando a esquadra enviada por Staurós para nos subjugar.
Tal ato, bem provável, assustou os stultos, que
Diminuíram sua velocidade, retardando o encontro.
Começamos a cantar:

Contra a opressão remamos nós, com toda a força!
Dionysio curvará a Staurós sua coragem?
Não, não! Nunca! Nem mesmo na neblina grossa,
Desistam! Nós jamais fugiremos da guerra
Somos do Mar! Ninguém nossa existência encerra!

–"Disparar!" – bradou o Capitão.
A pólvora teve seu êxtase – e as balas explodiram.
Foram todas na mesma direção – e a primeira fragata,
Das que estavam atacando, caiu, partida ao meio, ao fundo
Do mar, lentamente.
–"Chamam-nos impuros" – brada o velho – "mas
Sem seu desejo, o homem não é homem: meio anjo, meio besta.
Mas as outras não derrubem! Apenas dominemos-lhas!
Não as afundem! É uma ordem!"

A primeira fragata foi fácil destruir pois
Nossos instintos já se guiaram contra ela.
Não era possível estar no Mar com aquela culpa,
Nos atacando – era algo natural.
Mas continuamos rumando nas águas contra aquilo:
–"Vamos, marujos, não comemorem ainda – aquela
Era a mais frágil, avante, partirmos-lha de través,
Agora concentrem-se nas outras!"

XVIII

Cercam-nos duas das fragatas que vinham até nós.
Seus homens pulavam pelo través para dentro de *Dionysio*.
Possuíam um elmo dourado, que lhes protegia
A cabeça, mas dificultava muito a visão;
Vestes alvas, de tecidos grossos, mas um colete de aço
Sobre o peito, com uma cruz vermelha estampada.
Guerreiros bem vestidos, mas com toda a pompa
Da inutilidade.

Não temos preguiça de os atacar, como esperavam.
Nunca seremos seus escravos – e é isso que consideram
O que é não ser preguiçoso. Rimo-nos, apesar do cerco.
Para que inveja de seus escudos lustrosos? Comam-os
Os tubarões, com os seus braços!
As fadas lutam conosco, disparando seus dardos venenosos.
Não desejamos ser como vocês, infelizes. Sua riqueza
Pessoal fede para a nossa bela *communitas* de *Dionysio*.
Ouro é para tolos e negócios, que são coisas de tolos.

Mesmo atacados por ambos os lados, os dionysíacos
Não sofrem muitas baixas. Somos obrigados a rir daquela
Situação – contra o quê o Capitão protesta:
–"Nunca zombem do inimigo!"
As espadas gritam umas contra as outras, o convés
Enche-se de sangue. Temos força de sobra!
–"O pior ainda está por vir. Calma!" – grita Wilhelm.

Como um infarto fulminante, nosso ataque invade
Toda a embarcação da direita, e a da esquerda.
A inveja é para fracos – e somos fortes!
Não queremos o que é do outro, pois somos todos um!

Nem temos de encarar nosso ofício,
Mas não nos fazemos escravos da vontade alheia!
Cada um aqui não trabalha para si, mas por todos!
A terceira nau ficou então em posição de ataque, tentando
Defender as anteriores. Inútil!

Só haverá inveja se houver avareza, e vice-versa.
–"Não devemos ter, devemos ser!" – brada o Capitão. –
"A tua espada serve a todos, empunhe-a!".
Muitos gritavam enquanto subiam pelo casco da terceira fragata
Seus homens eram ainda mais fracos – julgaram nos vencer

Apenas com as duas anteriores – que pretensão!
Enquanto invadíamos as embarcações, percebíamos que
Toda aquela beleza era superficial; os *decks* eram sujos,
Cheios de baratas, ratos, vermes – como podiam fingir tamanha
Limpeza? Inconcebível! Eles tinham muito para limpar em si mesmos!

Wilhelm fazia as malaguetas girarem furiosamente –
Para não perder o controle da nau –, o Capitão gesticulava
Gritava ordenando, furiosamente. As fadas confundiam
Os nossos inimigos, estonteando-lhes e os faziam cair ao Mar.
(com suas próprias contradições).

Como vermes encurralados, num desespero frenético, os stultos
Partiram para o ataque. Nesse momento ninguém mais sabia
Se a vantagem era deles, ou nesse. As espadas transpassavam
Os corpos de nossos marinheiros, e mesmo eu e Scorpia precisamos
Lutar:
–"Relaxe, Umbrarum, venceremos!" – e beijamo-nos os lábios.
Abriu asas e sumiu-se, atordoando os inimigos.

Tomei minha Ibirama-pema, e, com quase a força dos trovões,
Minha, maça derrubava os falsos guerreiros – aproveitando-lhes,
Porém, as energias.
O Mago alertava:
– "Cuidado – muito cuidado homens!"

A situação começa a tornar-se crítica
E, para piorar, as outras três fragatas vêm na nossa direção.
Estamos quase dominando as embarcações do inimigo –
E ele quase dominando a nossa!
É uma situação embaraçosa...
O Capitão luta – sua espada já derramou muito sangue –
Luta e comanda, num só passo. Mas é cercado – seis homens
O encurralam, preparam-se para atacá-lo...

XIX

Mas Mjollnir e seu assovio contra o vento surgem,
Partindo seis crânios de uma só vez, e volta para o punho der Thor.
Quase um *deus ex machina*! Dá um forte brado, que nos encoraja,
E chama Iormungand para a batalha, ela, a serpente do mar,
Que emerge das profundezas das águas.

Nossos homens recuperam a força, desferindo um ataque impetuoso;
Eu luto, minha pesada maça não descansa, mas...
Em meio a tanto sangue também procuro Scorpia –
Onde estará? Não posso deixá-la só!

Grita o vidente barbado:
–"A vitória ainda não chegou, homens – cuidado!"
O Capitão, astuto, adiciona:
–"Mantenham o ritmo, e lutem, segundo por segundo,
Pelas suas vidas! Não subestimem o inimigo!"
Brunhilde, por outro lado:
–"Vamos, meninas! Provem que somos muito mais
Que apenas força extra ou auxiliar! Somos nós um exército completo!"

Mjollnir voava em arremessos frenéticos.
Como as sete naus estavam muito próximas,
Iormungand não podia atacar, para não nos destruir também,
E apenas revolvia o mar.

A batalha permanece sangrenta, com muita fumaça de pólvora
E neblina – mas ninguém tem frio.
Corpos são, sem pausa, jogados ao mar, enquanto o vento gélido
Tempera a batalha. Estamos em vantagem na nossa nau, e
Em mais três, as quais já dominamos.

Avançamos novamente.

Nossa nova investida é contra a nau de provisões,
Que as regulava de maneira doentia.
Não cessamos a invasão, distribuindo entre os que tinham fome
O que era possível – não queriam que uns comessem
Para que outros tivessem o que condenavam – a gula!
Tal embarcação fora de fácil domínio (seus próprios
Guardiões eram obesos) e partimos para as duas últimas.

XX

Agora, bem perto delas, percebemos que tudo o que enfrentamos
Fora simples brincadeira. A sexta fragata era bem mais armada,
Com canhões muito mais pesados, e duas grandes lanças cônicas
De metal presas às bochechas. No que tocassem, destruiriam.
E a sétima embarcação não era apenas uma fragata –
Mas um soberbo encouraçado, de certo muito resistente.
Não havia sequer uma falha, de proa à popa, e,
Mesmo que houvesse, não poderíamos ver, em força
Tão goliárdica.

A fragata nos atacou; à toda a velocidade. Suas lanças
Apontaram contra as que eram de sua esquadra, com potência
Inestimável. O ataque veloz, preciso, impetuoso e violento
Com um golpe das lanças rasgava o casco de uma,
Pela alheta, e de outra, pela bochecha.

Todos olhavam aquilo – era assustador, e já era noite –
Aquele monstro que não distinguia entre inimigos e amigos.
Tivemos muitas baixas, muitos dos nossos que, das naus afundadas,
Não conseguiam salvar-se.

O Zauberer gritou:
–"Não percam a atenção, concentrem-se na batalha!"
–"Vamos, ratos! Não percam aquilo que já é nosso!"
Wilhelm, em frente, vamos de peito contra ela!
Quero ver se suas garras podem contra a madeira de Yggdrasil!"
–"O que nos falta é música" – grita Brunhilde – "mandem
Os gregos tocarem a canção de batalha!"
–"Vamos, vamos! Onde estão os gregos?"
Em alguns instantes ouvimos os tambores e a flauta de guerra,
Enquanto mais uma nau era devassada.

O encouraçado se aproximava, lentamente.
Já a ágil fragata continuava seu ataque.
–"Devo mandar Iormungand?" – perguntou Thor.
–"Ainda não" – respondeu o comandante – "Seria fatal
Para todos nós! Tenha calma, Thor!"
O encouraçado nos cercou. Iormungand era uma arma poderosa demais –
E seu uso demandava muitos riscos, por isso não a podíamos usar ainda.

Só restavam *Dionysio*, a fragata das lanças e o encouraçado.
Estava Scorpia n'alguma daquelas naus naufragadas?
As aguçadíssimas setas metálicas apontaram-se contra nós.
–"Foi uma armadilha!" – admitiu o Capitão – "aquelas cinco
Fragatas... eram só para nos cansar, e gastar munição.
Agora eles limparam o caminho, o encouraçado impede nossa fuga,
E só podemos rumar contra aquelas lanças..."
–"O que faço, Capitão?" – indaga Wilhelm perplexo.
O Capitão olha para todos. Vê em cada um, no simples olhar,
Toda a sua história. Pondera:
–"Eu mantenho a ordem" – alguns acenam afirmativamente com a cabeça.
E dispara o brado, seguido de centenas de urros corajosos:
–"EM FRENTE, DIONYSIO!"

Preparamo-nos para o choque.
A fragata veio, fulminante, colocando toda a sua força no último ataque.
Mas o Capitão ainda tinha uma carta na manga.
Nossos corações estavam todos a mil batimentos por segundo.
Dionysio se posicionou, avançou, desafiando – um pouco inclinada para a direita –
E quando o choque parecia inevitável, os remos bateram
Com força demoníaca contra a água, e jogaram-se as velas para o alto,
Para que sugassem toda a força do vento.

A fragata estava a poucos metros de distância...
Podíamos ouvir os gritos de sua tripulação sedenta de sanguinária;
Enfim, eles quase nos alcançavam...

Mas o forte brado, com todo o ar dos pulmões do Capitão, reverberou:
–"Toda a força, todo o leme a boreste... joguem-se todos para esse mesmo lado da nau!"
Ninguém esperava por isso – o encouraçado seguia nos fechando,
Impedindo larga fuga para todos os lados;
A fragata passou arranhando profundamente, mas sem dano concreto,
Com a ponta de sua lança pelo nosso casco,
E muitos marujos caíram com a ousada manobra.
Quase todos tiveram de ver assim, do chão sujo de sangue e pólvora,
A fragata estatelar aquela ponta aguçadíssima contra o encouraçado,
E tanto o casco grosso, quanto o metal pontudo, racharam-se de pronto.

Ouvimos vários gritos pelo convés,
Os homens comemoravam, frenéticos...
–"Ainda não acabou" – advertia o Capitão.
–"Tomem suas posições!"

Mais do que depressa ficamos de pé, podendo ver a
Bochecha a boreste da nau sem a terrível arma de rasgar cascos.
Já sabíamos que seu ataque só podia tomar uma direção entre
Atacar, infausta e previsívelmente com a lança esquerda,
Ou despejar o chumbo grosso dos canhões gigantes.

Era-nos certo qual seria a sua escolha.

Tomamos distância do encouraçado – que, contra Iormungand,
Abre chumbo imensurável – nunca vimos tanta pólvora!
A serpente, ferida, mas irada, não consegue seguí-los.
E se Scorpia estivesse lá?

Respondemos ao fogo da fragata.
Eu, entre golpes destroçantes da Ibira-pema, procuro Scorpia.
Thor arremessa seu Mjollnir ferozmente contra a proa inimiga.
O chumbo impregna o ar, respirar é difícil.

Derrubamos as velas da fragata, e, Iormungand,
Malgrado toda a sua força, não teve como perseguir o encouraçado.
Desferimos ataque violento, destrutivo, e não de domínio, contra a fragata.
Nossa pólvora está quase no fim...
Alea jacta est, diriam: É tudo, ou nada!

Jogamos o mar contra a irada nau, que já parece enfraquecer,
E mantemos o fogo em resposta àquele, que, a julgar pela fúria
Em que respondia, não poderia durar muito.
–"Não podem ter atacado com tanta velocidade e carregar muita pólvora
Para disparar!" – emendava o Capitão – "Mantenham a força!".

Quando o ataque deles tornou-se mais lacunoso, aproximamo-nos
Podendo assim ver o seu convés, e pular lá dentro.
Eu, desesperado, na busca por Scorpia, lancei-me, com os outros,
E fomos lutando bravamente contra os pomposos.

Entrei num *deck*, e lá encontrei vários homens e mulheres
Reduzidos á miséria, e entre eles uma de cabelos de mel e olhos de céu,
Com pele alva e macia tal algodão, que pediu-me ajuda.
Outros ainda –"Salvem a nossa princesa", "por favor, não deixem-na morrer aqui".
Ela estava ferida nos pés – mais marujos dionysíacos vinham e ajudaram
Aos outros, enquanto ela pousava, fraca, a face sobre meu peito.

Conseguimos salvar vários dos reféns ainda,
Antes de naufragar aquela nau – degolando muitos dos inimigos
Sem pensar, ali mesmo.
Com poucos minutos aquele touro impiedoso do mar
Foi engolido pelas frias águas de esquecimento, para as trevas
Das entranhas do imenso oceano.
Mas... e Scorpia?

XXI

Interessante é como os pobres mal salvam a si –
Quantos marujos dionysíacos e quantas fadas não morreram? –
E como os "nobres" salvam títulos, ouro e futilidades.

Bom, a princesa fora salva por mim,
Embora alguém, não sabe-se como, trouxera seus caros panos, ouro, joias...
Mimos e o prestígio real.
Nada disso me importava de fato, mas não nego que a embelezara mais.

Sua face, agora limpa, era corada, a pele alva
Parecia refletir o Sol. Seus olhos traziam aquela cor marinha,
Enquanto seus lábios eram como pétalas de rosa vermelha.
Envolta num longo vestido e tecidos vermelhos, negros e dourados,
Exibia ela o ouro e as pedras em seu pescoço – cor de aurora.

Versificava eu os fatos, quando surge-me ela.
–"Agradeço a vossa ajuda".
Fitei-lha os olhos. Depois pousei-os sobre meus versos.
–"Em breve estará em casa, como prometido".
–"Bom saber disso".
–"Relaxe. Enquanto isso tratar-lha-emos bem".
–"Percebo. Muita ousadia de Staurós render a mim".
–"Seelicht von Süden".
–"É um prazer imensurável. Sinto orgulho de tê-la salvo,
Uma princesa tão bela".
Ela permaneceu ataráxica. Observou o horizonte.
–"Eu que o agradeço".
Deu-me então as costas e saiu, sem olhar para trás.

XXII

Eu sou um marinheiro,
Pois o mar me atrai. E Aquela princesa era um mar.
Poderia ser meu Mar.
Não seria demasiado idealismo?

Dia após dia, com a ausência da 'Strela,
Fiz com que ela sorrisse, estive com ela, e parecia que
Já se agradava um pouco de minha presença.
Mas mal me encarava os olhos, ocultava a face...

Ainda assim, Seelicht doce era,
Postura digna d'uma princesa.
Passávamos longo tempo juntos, falava de mim,
Falava de planos, de antigas histórias...

Coisas que, na verdade, interessavam pouco à Seelicht,
Que, certamente, quase sempre bem pouco compreendia.

A princesa germana não me falava muito,
Justo eu, homem que gosto de decifrar as coisas,
Gosto de mecenas – coisa que passava longe dela –,
E de algumas abstrações.

Mas cedia ao seu jogo, trazendo-lha doces maçãs,
Morangos saborosos, alguns versos que descartava,
Carinhos na face, nos cabelos...
Seelicht era simplesmente linda – tremo
Só com a lembrança daquele olhar da cor do céu,
Aqueles lábios doces quando me beijavam...

XXIII

Entre eu e Seelicht, a doce, haviam quilômetros –
Que ignorávamos.

Aceitamos a proposta de sonhar juntos, dia após dia,
Numa brincadeira impossível.
Aquele sorriso meigo valia a loucura,
Sentir aquela pele junto à minha...
Nada mais importava.

Esquecia-me de tudo, versos, remos
Deixando aquele perfume delicioso me envolver,
E aquelas palavras suaves, a voz frágil, mas mimada,
Fazendo-me pedidos, dizendo palavras não críveis...

Dançávamos juntos n'aquela harmonia,
Aceitando a sandice a qual nos propomos.
Sorriamos por tudo, era ela aquele incenso místico
Que fazia-me sentir a pele estremecer...

Cheguei a desejar sinceramente que nunca chegássemos à pátria
De Seelicht. Mas, dia após dia, aquilo tornava-se
Mais próximo. Tentamos não pensar nisto.

XXIV

Quando *Dionysio* atracou na costa das terras que
Já pertenciam ao reino de Seelicht, o coração ficou apertado.
Os galhos tocavam as felpudas flores orvalhadas
Num afã insaciável. Mas o momento chegara.

A corte do rei veio recepcionar-nos e, mesmo desapontado
Com a aparência e ideologia dos heróis de sua filha, ofereceu pouso e
Honrarias reais. O Capitão recusou, de pronto:
–"Aí está sua filha. Carregá-la impediu que seguíssemos
As batalhas, para não pô-la em risco. Aí está o vosso tesouro!
Guarde-o. De nossa parte, somos todos simples ratos do Mar.
E o que queremos como prêmio é apenas voltar para a nossa luta".

O olhar de Seelicht era melancólico.
–"A dinastia von Süden lhes agradece a inestimável ajuda".
Foi o que pode suspirar a princesa. E completou:
–"Fiquem apenas até o amanhecer do próximo dia;
Um último favor, já que não querem recompensas".
O rude Capitão olhou seu Zauberer, para mim, Wilhelm
E os outros marujos.
–"Tudo bem, por respeito ao mago que há muito não pisa na pátria,
Passemos aqui este tempo, aceitando a doce recepção da
Princesa Seelicht e da família von Süden".

Na festa, grotesca, aliás, fui apresentado de maneira
Que não me apraz: herói.
Os marujos, sem classe, bebiam, comiam e festejavam
Como porcos, contra a classe nivelada dos nobres.

O Capitão discursou, fazendo as honras de *Dionysio*,
Naquele país que, apesar de tudo, tinha muito respeito a Staurós.

Quando todos estavam bêbados – de rei a Capitão –
Seelicht chamou-me para passear.
Caminhávamos então sobre a grama, despretensiosamente.
Mãos dadas, mas sem arriscar sequer uma palavra, fitávamos o chão.

Paramos sob uma árvore. Ela me olhou longamente.
–"Umbrarum, não vá".
–"See, doce See. Minha vida é o mar".
–"Não trocas aquele mar por este mar?"
–"Não posso. Sou um rato de água salgada.
Minha vida é remar, encarar tormentas. Descobrir".

–“Tens um destino?”

Lembrei-me de conversa semelhante, num passado não tão longínquo.

–“Não sei. Nem se tenho um destino sei.
Apenas que preciso ir”.

Olhou-me afetuosamente. Seus olhos encheram-se de lágrimas.
Seus lábios macios tocaram os meus ainda mais uma vez,
Dizendo, confusamente, entre o beijo triste:
–“*Ich liebe dich*!”

XXV

A Águia nasce com a aurora.
E com ela, jogamo-nos ao mar.
Contra o que havíamos previsto, os dias
Passam-se, dias e dias de Sol e falsa calmaria.
Nesta paz ilusória surge-me a Esfinge
Sempre tinhosa, cheia de audácias e questões complexas
E este Mar – que ora parece-me vastamente descoberto –
Na verdade é infinitamente perspicaz
Em engendrar-nos em sua malha e ocultar-se.
"*Ich liebe dich*" – as palavras ecoavam em minha mente.

Ah! Quem dera eu fosse imenso como essas águas!
Ou que pudesse compreender este fogo que de cá vem
Contra o frio que vem de ali, a formarem um tornado
–Tornado este, amigo, que somos nós: eu e você –;
Se por acaso não fossemos tornados
Não seríamos assim (criações destruidoras),
Ou seja, não seríamos realmente nós mesmos.
Somos tornados. Ciclones. Furacões. Somos humanos – demasiado humanos,
[diz-nos o Filósofo.

XXVI

Ou talvez sejamos nós próprios o Mar?
Seria então a poesia o nosso meio
De afogarmo-nos em nós mesmos?
Como a pequena ave que gravemente resfriada,
Sem voz, caga-se de dor sem conseguir gritar uma súplica
Para que ergam-lhe o pescoço e, numa desesperada tentativa,
Consiga-se fazer com que fique descongestionado o tráfego de ar em seu peito,
Sendo infausto em tentar permanecer ex-sistindo, e o destino
Obrigando-lhe à morte, assim como a de Nietzsche, em silêncio e profunda dor?

Tal qual padeceram incontáveis crucificados com SPARTACVS
Tal qual pneumônicos graves,
Meus pulmões suplicam por ar agora.
E assim cada verso é um suspiro que dou
Tentando permanecer neste Mar que não quero
Não posso e não consigo abandonar.

XXVII

Mas... fiquemos no Mar!
Ainda tenho muitos poemas na manga!
(Só não me lembro onde deixei minha camisa).
–"Scorpia... Scorpia! Você voltou!"

"*Nunc obdurat*
Et tunc curat..."

XXVIII

Joguei-me ao vento e me alimento
Do ar. Nada mais poderá na escala natural dos fatos
Proteger-me de mim mesmo.
Passamos breve tempo em terra firme,
Em ilha não hostil, onde encontrei Scorpia.
Como fechou-se o céu! Como tudo é incerto...
Dionysio está sem sua essência.

Scorpia está novamente comigo – até quando?
As fadas alegram os marujos – até quando?
O Mar está turvo – até quando?
Beijo seus lábios com meus pensamentos – até quando?
Pareço sozinho me afundando no Mar – até quando?

Surge o Capitão:
–"Remem, ratos, remem!
Quereis agora desanimar? Força! Não é porque a noite é escura,
porque a treva vos assombra, que devem parar – Não!
Eia, covardes, força!"
Assim tomo meu rumo. Obedeço ao Capitão,
Mesmo sabendo que no fim das contas é apenas uma ilusão.
As fadas nos ajudam. Tornam nossa vida
Muito mais alegre, seu perfume, sua volúpia
Torna mais suportável a dor perene, que parece emanar
Do simples fato de existir, de pôr-se para fora,
De surgir no mundo. São psicólogas mudas,
Que muito ouvem, nada dizem – mas durante pouco servem.

Remo, mas, tomo o caminho certo?
Remo, mas, para onde irei?
Remo, remo, – remar é a eterna lei...

XXIX

Ho Skoteinós:

Vagas pelo fogo, e por esse fogo nasceste
O fogo é o começo, tudo por ele flui,
O fogo é a guerra, e a batalha de tudo é pai,
O fogo de tudo é rei...

De que valem dez mil se debatendo no fogo
Quando um consegue cruzá-lo?
ἓν τὸ σοφὸν μοῦνον λέγεσθαι οὐκ ἐθέλει καὶ ἐθέλει Ζηνὸς ὄνομα.
Zeus ou Deus... tanto faz...
Eu não falo para quem dorme.
Minhas palavras não são gozo para aquele que sonha.
Apenas uma ilusão, um simulacro.
Eu sou, *pánta rheî*!

Não te preocupa com a chuva, não te preocupa com a queda
A Angústia é uma tempestade – e suas nuvens rondam-nos incessantemente!
Recolha-te para junto do templo te Ártemis quando ela vier.
E esperai passar! Ou joga-te aos cães!
Mas não fuja. *Nobiscum Deus*? Ha ha ha!
Apenas o fogo. Aquele
Que em Musspell há e contra Niflheim sempre investe,
Tudo flui, círculo, criação!
Eu sou, e sou grande! Com um pé cubro o sol!
De todas as coisas um, e de um todas as coisas.
Que venha um Eleata me contestar, inócuo que é.
"A minha ignorância é uma, e nunca sairá do lugar!"
Ah, como rio! Como estou rindo! E como rirei!

XXX

Quem me dera ser como um animal irracional
Sem ter que me preocupar se sou, não sou:
Apenas ser, mesmo que eu não seja.

Afinal de contas, o que muda ser ou não?
This is not the question.
Imagine olhar para o outro, num futuro avançado de filosofia e lhe dizer:
–"Não existes! És apenas uma ilusão
Causada por xis ou ípsilon ao quadrado pela raiz do infinito menos três vezes dez eleva-
[do à menos sete.

Que patético!
Por que não voltar-se a si próprio?
Há muito o solstício do fim do ano passara-se,
E Capricórnio, e Aquário. E eu apenas
Quero ser livre para navegar, naufragar se for preciso!
É isso que Scorpia não consegue compreender.

XXXI

Momento A

Mesmo contra nossa vontade, atracamos perto de Stultia.
O mago puxa-me quando ia descer no cais:
–"Cuidado, Umbrarum. Vejo apenas Nauthiz para todos nós.
Apenas problemas. A escuridão".
Fiquei preocupado. Evitaria confusão, já que
Levaríamos algum tempo ali apenas para saques
E eventual comércio. Não gostavam de nós – e era
Sentimento recíproco. Iríamos permanecer apenas o suficiente,
E disfarçados, para fugir das hostilidades naturais
O quanto fosse possível. Depois? Sair calmamente.
Ali eram domínios de Staurós, alcançar ali era grande desafio para nós.
Esperávamos, ainda assim, que tudo corresse bem.
Mas não fora bem assim.

Refugio-me num canto. Consegui um pouco de combustível
Para as noites de angústia. Sorvo, escrevendo, paciente, uma garrafa.
Sentado sobre uma caixa do mesmo *Ron Montilla*
Toco meu próprio coração.
Não sou alegre nem triste. Escrevo:
E isso já é sentimento suficiente para mim.
No alcohol or anything to smoke.
As palavras do Obscuro ainda ecoam em meus pensamentos.
Estou só, Scorpia ocupa-se em outras orientações. Suspiro.
Eis que surge uma sombra em minha frente.
Vejo-a, mesmo apesar de que
'Stou no escuro. Ora fujo, ora escrevo.
A Sombra aproximava-se. Ouço talvez que ri.
–"*Eloi, Eloi, lammá sabachtháni?*"
Onde está o Capitão? Você já o matou?
Já superou sua perda? Já cessaram as lágrimas?
Já o enterrou? Jogou as rosas sobre seu crânio murcho?
Comemorou que parou de sofrer com o cessar?
Já, já? Responda-me! Onde deixou a sua coragem para remar?
Enterrar-se-á a si mesmo? Tornar-te-ei o que tu és – Nada!
Queres? Sentes o suspiro gélido e horrendo, o grito de dor,
A alma pulsar esta angústia tão suprema? Sentes?
Quae tunc spectaculi latitudo! Quod admirer!
Quid rideam! Ubi gaudeam! Ha ha!
Como rirei com tal espetáculo!
Você rirá comigo? De tua própria queda?"

Não mais suportar pude, bradando forte:
–"Cala! Estou cheio!"

–"Cheio de que?" – tornou –"Como ousa falar, justo a mim, o Vazio,
Que está cheio de algo? Para estar-se cheio de algo
Necessário é estar totalmente vazio de outra coisa!
Logo, estando-se cheio de x, não conterás y!
Vice versa! Tolo! Estúpido, patético, não vês?
Não há como fugir do nada – sempre, de alguma forma,
Se será vazio! Basta saber do que! E de que estás preenchido!
Sabes? Queres saber? Basta, inócuo! Chega de
Barbaridades, não quero mais ouvi-las, misantropo!
Esvazia tua boca de palavras! Encha a cabeça de pensamentos!
Fraco! O que te faz pensar que podes fugir de mim?
És algo? Eu não sou, e sou como não-ser!
Cogito, ergo sum!

–"Cala, basta!
Por que para viver um homem precisa dessa escolha?
Por que não apenas viver?
Tenho de preencher-me d'algo?
Não posso apenas existir?
Existência, existência, para que essência?!"

A sombra ri, e some. Eu apenas, revolto como o Mar, prossigo pensando...

Momento B/ Die Schlinge

–"Preparei-te uma armadilha,
E em breve lhe darei o laço, vamos!
Já te envolvo em minha rede, irei te confundir!" – diz o Deus do Nada.

E o álcool me afunda na Angústia
Uma gaita ressoa, reverbera –"Estou só!" –
–"Estou contigo" –"Quem?" –"O Nada".
–"Eu sou forte!" –"Sucumbirás!" –"Resistirei!"
–"Me deitarei com o meu pântano imundo em seu peito,
E ser-te-ei a promessa que nunca tive..."
–"E a que não quero mais..."

Meu corpo penetra na imundície.

"Mon corps tombe lentement dans l'obscurité".

A confusão me domina. Quem eu sou? O que quero?"
Já havia descoberto!
–"Mas eu vim para mostrar-lhe quem és!"
–"Eu já o sabia! Era você que queria que eu lhe provasse
Quem você era! Sinto-me mal. Não sou eu".

"J'ai fait mon choix".

Encontram-me perdido.
–"Vamos, Umbrarum! Descobriram nossa identidade!
É hora de partir! *Dionysio* irá de volta ao Mar!"
Não dou muita atenção. Ainda preciso de algo...

Mesmo sabendo que partiremos brevemente, caio em porta de Augustinus:
–"Leia o Salmo 90. Teus pecados estão perdoados".
Aquela noite durara mais que o dia de Brahman de mil yugas.
Em que o Nada me venceu – como fui deixar-me nihilizar?
O Zauberer estava certo. Por que não ouvi enquanto pude?
Odeio o Nada duas vezes por me fazer regredir
A poeira para cima da ampulheta, querendo me prender n'algo
Que apenas ele vê, à partir de sua vileza! E por, depois disso,
Pôr-me nos pés de um deus imolado!

XXXII

Voltamos ao navio, partimos depressa.
Stultia já vinha sedenta por nosso sangue.
Todavia, sabem que no mar estão em desvantagem,
E no cais permanecem, praguejando.
O Zauberer adverte que ainda Nauthiz,
A runa dos problemas, permanece a nos ofuscar o destino.

E estava certo.

Algum marujo tonto decide incomodar Thor:
–"Esta droga de serpente gigante não serve para nada!
Só dá um trabalho imenso..."
Thor, adverte:
–"Cala-te rato sujo!"
Um grupo o cerca: –"Só dá transtornos" –"E despesa" –
–"Suma com ela" –"Sumam você e ela" –"Tire a serpente daqui!" –
Iormungand ira-se. Chacoalha o mar... – não espera Thor.
Some entre as águas, deixando-nos tudo revolto.

O Capitão, com muita frieza, simplesmente empurra os insurgidos –
Para os tubarões – e vem me ver.
Ninguém comenta nada. Thor tranca-se na sala de armas.

–"Nauta Umbrarum, querido rato,
O que te acontece? Estás estranho.
Quase não come, mal bebe – nem cigarros ou álcool dão-te mais prazer!
Conheço-te. O que há?"
–"Conto-te o cento e trinta: 'Das profundezas eu clamo para ti'".
–"Milagre não ouvir novamente o vinte e dois!
Onde está aquela tua fada...?"
–"Scorpia".
–"Isto, Scorpia. Para onde foi?"
–"É tudo incerto, eu não sei. Estou só,
Não tenho nem a ti, Capitão, juiz!"

O dia era belo. O vento batia-nos nos cabelos.
Aquele rosto já velho, de fortes traços semitas, era calmo:
–"Você vê a Noite? A tempestade? O vento?
O Sim e o Não?
São apenas ilusões. Não veja a noite, viva-a. Pois cessando este ato
Ela não é mais algo,
Há uma passagem, tão sutil, que sequer vemos e passa,
Tornando-se outro – algo que era em potência, não em ato.
E ela é essa coisa apenas aparente,
Na verdade já é algo novo a cada segundo,
Mas dizemos que é outra quando, nitidamente, vê-se
A diferença entre o que fora e o que é,
Entenda.
Nada dura, nem a dor, nem a alegria, nada!
Após um instante, é tudo novo!
Você só naufraga quando quer, Nauta Umbrarum..."

O mago permanece preocupado.
Um baque interrompe a conversa.
–"Que é isso, que inferno é isso?"
Não mandei serem vagarosos? – ergue-se, estupefato,
Arregala os olhos – "O-que-é-is-so!?"

"Ludo mentis aciem,
Egestatem,
Potestatem
Dissolvit ut glaciem."

XXXIII

Alguém brada que estávamos presos – por quê?
–"O casco encalhou!" – gritam.
Malditos desatentos! *Tua dor te guiou*.
O mago está preocupado. Recolhe-se para o seu *deck*.

Era um vasto colchão de areia. Mas não muito distante da costa.
Os pássaros dão fôlego ao vento, que os segue.
O clima permanece seco. Insuportável.
A popa quase sumia dentro d'água, mas a proa
Está inclinadíssima para fora da superfície.
Nossos prejuízos são grandes, tão acostumados que estávamos ao Mar.
Viver agora em terra? Como?
É insuportável até ver que há um chão sob os pés que seja firme!

Não podemos pedir ajuda. Estamos muito distantes de casa.
Em Stultia, que, não sabemos bem como, nos atraiu
Todos nos odeiam e sempre esperam a melhor oportunidade
Para nos encurralar, fatigar e dominar, por vingança.
E o que virá ali, da costa? Nada de bom esperar podemos.
Permanece a Nau só, ao som do vento – que traga a música distante.
Estamos tensos – estamos sós –, e melancólicos.
O último cigarro se foi ontem; o álcool? Nem sabemos mais.
A angústia toma conta da tripulação isolada, que não pode
Nem atacar nem defender.
–"Faria tudo por uma morte digna" – diz Wilhelm.
–"Com a Glória da Batalha?"
–"Sim, amigo. Melhor do que o suicídio, ou morrer de sede".
–"Faria tudo por uma vitória digna".
–"Sua Ibira-pema tem sede de sangue, não?"
Respiro fundo, compreendendo a nostalgia:
–"Sim, preciso espalhar os miolos de meus fantasmas pelo chão".
Rimos com certo desconforto. Sob o ardente Sol passamos o dia.

A noite derruba suas cortinas sobre o céu.
Aos poucos a Lua é erguida para o centro do palco.
Nós, de ativos marinheiros, ratos do mar... a espectadores reduzidos.
É possível?
Fogueiras são preparadas, jantares prodigiosos assam
–Mesmo Thor parece entediado, sem Iormungand.

Os dias vão passando-se.
A incerteza se apodera de nós.
'Stou sentado na caixa de *Ron*.
Observo o céu, sem astronomia, e escrevo.
Ouvem-se sons. São canções, horríveis, de lascívia corrompida,
De sexualidade esdrúxula, vulgares, ou plagiadas,
Das canções de outros países que não são cantadas
Na letra ou harmonia originais. São copiadas.

Surgem os 'stultos guerreiros,
Que, de pequenos lugares e saveiros, nos cercam.
E mantém-nos – após dias ilhados – sob ataque.
A batalha inicia-se – ou, melhor dizendo, a carnificina.
O que nos trouxera até ali? Como, com tantos perigos,
Teríamos de sucumbir justo ali, como pássaros engaiolados?
O fogo vinha de todos os lados, quase não podíamos revidar.
Alguns, desesperados, atacavam amigos, a Babel estava levantada:
–"*Wo bist du*?"
–"*Je suis ici*".
–"*What the hell are you talking about?*"
–"*Nigili fugito!*"
–"*Οι ανθροποι κακοί*".

As nossas baixas são imensas. E eles ainda nem chegaram aqui.
Por escadas, sobem os primeiros invasores a bordo.
Resistimos, corpo a corpo, suor por suor, sangue por sangue.
Mas o ataque à distância nos lesou demais.
Vê-se o Mjollnir voando, violentamente.
Wilhelm resiste:
–"Hawul!" – grita a cada ataque. Sua força é goliárdica.
Mas estamos confusos. Luto com todas as minhas forças.

Conseguem render Thor. E o imobilizar sem o martelo.
Surge o Capitão:
–"Umbrarum? Que faz aqui? Fuja!"
–"Não sou covarde!"
–"Fuja!"
–"Quero lutar!"
–"De que servirá essa batalha sem memória?"
–"Capitão..."
–"Ande, fuja! Ou eu mesmo lhe darei sua *causa mortis*!"

Por que batem? Não sabem.
Não guerreiam com suas armas, não pensam em nada, os de Stultia.
Resistirei!

XXXIV

Ora fujo – ora escrevo!
Ora escrever é meu jeito de fugir,
Ora fugir é meu jeito de escrever.
Atiro-me no Mar. Numa desesperada armadilha
Consigo tomar de assalto um bote.
Os guerreiros de Stultia são fracos, e, isolados,
Nada valem.
Sem muitos problemas – nem honra – chego à costa.
Escondo-me na mata branca, seca, espinhenta e árida.
Os garranchos rasgam minhas roupas,
Reduzindo-as a trapos.

Após muito andar, ferido, encontro um homem
De pele vermelha, cabelo indígena, com paus nas narinas e orelhas.
O senhor, nu, fumando um cachimbo fumacento,
Levantou-se ao me ver, como quem me conhecia e esperava:
–"Nauta Umbrarum manon in!"
Pegou algumas ervas, passando sobre a minha cútis ferida.
Balbuciava todo o tempo, coisas que eu não conseguia compreender.
Fez sinal para que eu me sentasse, e estendeu-me uma cuia com alimento.

Obedeci-o, comendo da farinha de mandioca com peixe assado e triturado.
O homem sorria o tempo todo, face denunciando uns cinqüenta anos,
E por vezes cantava algo, batendo o seu chocalho, um maracá.
Tinha o corpo desenhado; muitas gravuras pelos ombros e rosto,
E sementes penduradas no pescoço.

Quando enfim terminei de comer, ele me sorriu, deu água,
Tomou a cuia, e, desenhando com urucum em meu corpo, dizia:
–"Parabéns, marinheiro. Soube entregar seu destino,
Pelo seu bem e o dos outros.
Quem dera todos vissem em pessoas desconhecidas irmãos,
E não inimigos! Ah, se todo aquele que pudesse ajudar o fizesse!
E se ninguém agisse de má-fé!
Quem não gostaria que o homem refizesse sua amizade,
Com sua Mãe, a Natureza!
Sem ver nela uma ilusão enganadora, que o desvia!
Ah, Marinheiro que de tão longe voltas!
Poderá o homem pensar que o eu, a primeira pessoa do singular,
Não é tão importante?
Será o homem capaz de perceber que não é um indivíduo?
Mas um membro, uma parte de um grande organismo,
Que não é rei, que não é deus?"

Respirou profundo, como quem toca numa grande ferida, e prosseguiu:
–"Poderá o homem perceber que seu futuro
Depende sim da sua decisão, mas que, pela opressão,
Pelo crime, pela corrupção, pela mentira, pela destruição da natureza,
Ele apenas destrói, acima de qualquer coisa, a si mesmo?
Precisaremos ser todos exterminados por preferirmos ser alienados?
Quem será que conseguirá abrir os milhões de olhos do povo?
Quererá o povo ter seus olhos abertos?"

Eu, apenas ouvia, incapaz de responder.
–"Vejo que não sabe o que dizer! e é mesmo muito complexo!
O homem mata o seu semelhante,
Sente prazer no sangue,
O homem finge ser cego, não quer compreender o evidente,
Gosta de ser guiado, quando poderia guiar!
Prefere proteger o que tem do que aquilo que é,
Antes mata o ladrão do que destrói as suas cercas!
Será a propriedade mais sagrada que a vida humana?
Pergunta-se".

Uma angústia me dominava.
O Sol me ardia na pele. Percebendo,
Chamou-me para uma sombra improvisada com palhas secas.
–"Qual seu nome?"
–"Para que quer um nome, uma palavra?
Não basta me ver, não basta que eu te ajude?"
Senti-me envergonhado.
Mas ele foi complacente.
–"Sou Abá-Ibi, espírito dos abás. Alguns me chamam de Tupã.
Mas pense em mim como Nhanderuvuçu, seu pai".

XXXV

Quando acordei, já era noite.
Havia uma fogueira próxima a mim,
Bem como uma cuia com comida coberta por folha de bananeira, outra com água,
E umas roupas esquisitas. Semelhantes as dos habitantes de Stultia.
Via luzes ao longe, e escutava a música deles.
Após me alimentar e vestir, decido ir até sua "civilização".
Disfarço caminho entre seu povo. Finjo ser mais um habitante.
De Stultia.
Ando, falo, e, em certa medida, ajo
Como eles. Mas meu pensamento ainda é meu.
Seu som é inefável, entoam canções horríveis.
Que será do Capitão? De Scorpia? De Wilhelm? Do mago? De todos?

Aqui um poeta vale menos que as fezes mais imundas.
E a cultura é lixo, um livro serve de apoio ao traseiro.
–Infelizes! Lançam ao ridículo a única maneira de
Crescerem! De emanciparem-se! Não à toa aqui
Stultia chama-se. Miseráveis!
Cessou o tempo do protesto – preciso esconder-me,
Buscar proteção novamente.

XXXVI

Só restou uma alternativa: ser mimético,
Copiá-los. Inserir-me. Conheço algumas meretrizes,
Álcool, cigarros, avanço, escrevo.
Beijos, carícias. Mas esta lascívia, além de passageira, é superficial.
A lascívia é bela! Mas não esta, mas não destas...

Dói-me profundamente copiá-los.
É como se ao viver aqui, escondido, eu negasse quem sou.
Lembro-me de uma canção de Wilhelm, com este refrão:

Wir lieben den Krieg zu führen
Vor allem,um zu leben
Je mehr, desto besser.

XXXVII/AS TECELÃS DO DESTINO

Sob alguma camuflagem eu saio.
Ando no meio da multidão, paredes amarelas, terra, sol forte.
Como um Heródoto no Egito.
Ouço um doce canto, que me chama:

Venha, marinheiro,
Venha já, conosco,
Muito aqui lhe aguarda
Venha, marinheiro...

Enfeitiçado pela elegia, sigo-a. numa altíssima catedral entro.
As portas fecham-se. Está escuro. Aos poucos, uma a uma
Luzes acendem-se, pelas paredes de todo o lugar, muito altas.
Há uma mulher, tecendo, em cada uma. O mesmo fio as une.
Um doce piano ao fundo faz seu som dançar pelo ambiente.
Começam a falar, uma por uma, em tom recitado:

PRIMEIRA:

Meus cabelos são o fogo
Que é acendido em teu coração
Minha doçura é o gosto
Que manteve a ti erguido...

SEGUNDA:

Sou uma Imperatriz Alemã
Que muito entrego a ti,
Sempre estou contigo, sempre
Mesmo meu império sendo distante,
Jamais eu consigo lhe esquecer...

TERCEIRA:

Sou doce, sou das Gerais
Minha doçura é inefável,
Meu humor é inabalável...

QUARTA:

Sou pequena, sou distante
Tão perto, mas tão longe
Tuas palavras fazem-me dançar
E teus sonhos me levam longe...
Tua índia eu odeio,
Ela? Nem sabe de minha existência...

QUINTA:

Sou um oráculo ambicioso
Sou amada, mas desprezo.
De todas sou a que menos lhe vejo
E a que menos em ti quero ver.
Sou um oráculo ambicioso
Fui amada? Eu não sei.
Sou um oráculo ambicioso:
Pouco me importo com você.

SEXTA:

Tua faca rasgou primeiro minha carne
Eu sou as sombras, que te iniciaram.
Tua faca tem meu sangue
E o fruto foi derrubado da árvore...

SÉTIMA:

Sou menina doce, sou mulher
Para um aristocrata fui entregue
Mas ainda tenho sonhos escondidos,
Permaneço sendo aquela criança
Que contigo bem aprendeu a delirar.

OITAVA:

Mes rouges qui brillent,
Enfeitiçam teu olhar
Mes rouges qui brillent,
Perturbam os teus planos
Mes rouges qui brillent,
Levam-te a imaginar...

NONA:

Da Polônia a Ipanema
Domino o português tal a tua admiração
Da Polônia a Ipanema
Uma eslava que te canta, encantando-te
Da Polônia a Ipanema
Nossa semelhança nos atrai e assusta
Da Polônia a Ipanema
O que é-nos díspar nos complementa.

DÉCIMA:

O meu olhar castanho te enfeitiça
Sou-te uma esfinge – pedindo para desvendar-me
Aquele sabor inesquecível... só eu tenho
A maneira de estar contigo que nunca irá apagar-se,
As sandálias da nova vida; o respirar brilhante –
E os lábios avermelhados e sua doce maciez...

Uma após a outra, suas vozes ressoavam
Primeiro destacando-se das anteriores, depois a estas fundindo-se
Dando lugar a subsequente, até que se criou algo como um
Grande mantra, numa melodia átona do piano ao estilo Schoenberg.
As luzes oscilavam, o fogo que lhes emanava parecia dançar
Junto com as vozes, enquanto teciam e cantavam.
Estou no longo décimo quinto dia após o equinócio.

Me arrebata um frenesi, um delírio, não o sei.
Ignoro se durmo: sei tão-somente que ‘screvo.
A pena corre, e o papel foge.
Começo a caminhar no escuro, e, de repente alguns espíritos, um por um,
Põem-se a me acompanhar, contando sobre si...

XXXVIII

Apenas um homem sou. Mas por baixo do bigode
Muitos rostos tenho. Com muitas mãos escrevo.

Apenas um homem sou. Mas eu tenho muitos
Corações para sentir na minha imaginação.

Apenas um homem sou. Porém muitas vidas vivo.
Se existem ou não, é um problema para a Metafísica, não meu.

Apenas um homem sou. E não compreendem que sou vários!
Pensam que sou muitos, quando sou apenas um!

Mais de um homem sou. Mas tenho apenas um corpo.
Essências e mais essências brigam pela minha existência.

Mais de um homem sou. Ou não sou, penso ser.
E após pensar me torno apenas um homem, ou todos, ou nenhum.

Mais de um homem sou. Guardem meu Rebanho!
E oiçam minha Mensagem!

Apenas mais de um homem sou. Ou não. Ou torno-me.
Apenas o homem, mais que o Nada, menos que o Ser, igual a zero.

Sou mais que um homem.
Sou, em mim mesmo, uma realidade.

XXXIX

Sou um mineiro. E o que busco garimpar
São versos. Não versos raros, rimados, muitas vezes até sem ritmo são!
São apenas e tão somente versos. Entalho-os, com
Minha habilidade de mineiro, como que esconde uma pepita d'ouro
Dentro de alguma coisa mui cotidiana, de um pote de sal,
De uma xícara de café, entre duas páginas da Bíblia.

Mas nem por isso o meu mérito é menor.
Apenas não preciso declará-lo, nada me acho,
Ter sete faces ou nenhuma é indiferente,
Boto minha viola no bolso e suspiro como quem há muito
Vive apenas de viver, e isso não é mais o bastante.

Sou um pedaço de folha que voa pelo vento,
E sou lida por quem quer e quem me entende.
Sou algo que, para o nosso nada,
Para garfos, tapetes, sorrisos, crianças,
Ou velhas que se mijam
É tudo, é mais que tudo, é nada, o infinito,

Ainsi on parle : Je suis le plus poète de tous les brésiliens.

E a velha canção não pode parar:

"Sors immanis
Et inanis".

XL

Bem vindo a tua terra, também minha é.
Quanto demorou o regresso? Sempre volta-se à raíz,
Não há fuga, de real apenas este "V" seco.
"V" seco e corrupto, colega de partido,
Que abraça, sufoca, aguilhoa e prende, não por amor,
Por depressão, os seus filhos. Vacas, paus, caatinga,
Nada e tudo, isso dá no mesmo
Marechais, ora essa...

Quer fugir? Não pode. Desgraça não respira, sufoca,
Maldição aqui não falta: Ou calor, ou miséria.
Terra de fabianos. Minha língua está seca só de falar.

XLI

Yo soy un español.

Mais j'ai vécu beaucoup à France.

Fiz história, sem usar a caneta
Mas relógios murchos, imagens confusas
– ou seria confuso quem as via? –

Estive entre dois mundos, entre duas guerras catastróficas.
Soube pintá-las, ao meu ver, e sem nunca esquecer
De dizer o que queria, de maneira invocada e inovadora.
Um Freud, um poeta viveu em mim!
E minhas telas lho provaram.

Quebrei dogmas, estilhacei a realidade!
Transfigurei um novo planeta, coloquei-o
Em contato com o nosso.

Caíam gotas de sangue de meu mundo;
Minha Santa Ceia era *techno-remix*.

Como simplesmente negar o sonho, o delírio?
A ligação que as coisas possuem, seus elos, sua confusão?
Não o quis. Eu fui Salvador, d'aqui, e d'acolá.
Minha insubordinação foi fatal, mais rebelde? Não há.
O que intentei eu consegui, sou um Salvador
– E muito mais que apenas d'ali.

XLII

a/DO POEMA

Para mim a escrita é um prazer, uma brincadeira,
Inspirada em Hans Staden.

b/DO AUTOR

Por baixo da barba e dos óculos, dou um sorriso tão irônico
Que nem sequer o mais atento percebe.

c/AVANTE!

Contra o romantismo! Fúria!
Escrevam defuntos, escreva quem escreve e nada escreveu!
Mulheres com olhar de cigana oblíqua e dissimulada
Ganham mais que vida em minhas mãos.
Mas, como disse no poemeto a, é tudo uma brincadeira.

d/UM POEMA DESATINADO

Um poema muito desatinado este!
Mas está bem, vê-se quem sou e o que quero.

XLIII

Nós, os Genealogistas da Moral, temos aí poucas Razões para acreditar em uma Verdade absoluta, firme, inócua, eterna, elevada ao mais alto Ponto do Céu e digna dos mais belos Holocaustos. O que importa não é saber se sabemos algo, mas se de alguma forma esse algo importará para o Hoje, que sempre está entretido demais em Vicissitudes próprias para ver O-que-passa-aos-Olhos, como uma Criança que não chora o próprio Machucado, para não perder o Tempo de degustar, saborear com toda a sua Vontade(-de-potência) o Doce que traz nas Mãos.

Isso significa apenas uma Coisa: os velhos Grilhões medievais quebraram-se, dei-lhes o Golpe final, a Pancada de Glória, o Tiro de Misericórdia. Partam em Paz!

Refiz a Amizade entre Filosofia e Poesia, cala-te Ateniense inocente, idealista, tolo, aqui juntou-se novamente e num borbulhante Jato de Potência colidiram-se ambas; houve uma breve Elipse e algo novo formou-se, uma única *aeterna veritas*, de que além de não haver Verdade, não há Bem ou Mal, o Scepticismo é apenas uma Consequência moral, é um Fato inegável, inefável e inevitável, este belo Crepúsculo de todos os Deuses, o Dia brilhante em que nasce uma nova Era, a que previ, onde as Pessoas viverão se reconstruindo a cada Instante, ouvindo aquele meu forte Brado:
„Ich lehre euch den Übermenschen!“

XLIV

Ah! Que haja vida, que haja luz!
Que este meu canto se oiça facilmente pelas
Doiradas planícies e pelos campos mais férteis!

Ó doçura dos pássaros, andorinhas que, de verão
Em verão viajam! Ah, cantigas de meu povo,
Paixões estupendas, ulteriores desgostos, morte inevitável!

Ó caveira murcha e seca, ó dor, ó espasmos esquizofrênicos – epiléticos,
Ó sangue que pulsa doridamente pelas veias!

Povo meu que amo, odeio, louvo, escarneço!
Grandes desgraças epistolares, sofrimento sem igual,
Jamais a surpresa será tão grande como em um dia fiz-la ser!
Ah, vida, és tão pouco, e és tanto, Glória de um tempo...

Que não mais tornará!

XLV

Eu digo-te, Amigo, aluno meu, aprenda esta lição, o nosso mundo é algo que não é facilmente compreensível, é como um insecto que paira, scéptico, pelo ar, como se no-lo pudéssemos ver mas não passasse de ilusão, e talvez tornar-me-ia tu, Senhor, senhor escritor, grande animal que voa só com uma pena, que usa para escrever, que tão longe nos leva, impedindo-nos de ver o limite entre o real, o metafísico, a ilusão, o nada, senhor escritor como nos parecemos, e, quando iniciamos nosso ofício, éramos desconhecidos, certo que até hoje não conheces-me, mas, apesar disso, aprendi em ti a aprimorar o que já havia em mim, buscar um novo rumo, coragem, mudar, olhe, veja em meus olhos minha admiração, não há como não lê-lo sem ver aquela ponta de indignação latente, a maestria com que desenrola-se o imprevisto, com que desnuda a realidade e mostra-lhe, e vemos que de virgem comedida nada tem, puta de mil homens, dá-se por dinheiro, a realidade é dinheiro, fede, e a história é um brinquedo de gigantes, pouco importam os esses ou os aqueles, apenas contam os Senhores e Senhoras, as *Ladies* e os *Gentlemans*, toda a corja imunda e fétida que sempre houve, há e esperamos um dia acabar, e eu arrematariа, Sim, a Filosofia não é o único meio de filosofar, a história não é o único meio de registrar, terminado o acto, as mãos dar-se-iam ou deram-se, nunca saberemos a diferença entre o sido e o não-sido, neste caso.

XLVI

O homem é o ser pelo qual o nada vem ao mundo.
« *L'être pour-soi est l'être par lequel le néant vient au monde (de l'en soi)* ».
Admiramos o caos inexplicável ao nosso redor, pasmos,
Como quem, com a ciência busca entender. Mas não é bem
Assim, há mais preocupações.

Nós somos nosso próprio valor,
Não há isto ou aquilo – apenas nós próprios,
O homem – para limitar-nos, somos realidades em-si,
Por isso mesmo nunca errado, ou errado quando,
Num momento de estupidez, assim se vê.

Veja a angústia, o sentimento negro que rodeia-nos,
O mundo estranho em que, de certo modo, escolhemos
Nós, todos nós, nascer.

Não sou eu dono da frase, mas adoro filosofá-la:
A existência precede a essência, a essência é posterior a existência,
É por isso que nós, *copula mundi*, livres para aceitar nossa
Própria escravidão assim vivemos,
Ou não, quem sabe?
Pergunta sem resposta, a existência é quase isso,
O Nada.

XLVII

Versifico Scorpia.
E de tanto cantá-la, ela renasce, para mim,
Com sua pele índia, alquimista agora – lançando-me ácidos voluptuosos.

Eia, haha!
Mas uma hora se chora, em seguida se ri!
Ah, quando se tem quem agente adora....
Não há diferenças nos caminhos a seguir!
Ela me ri:
–"Opa! Olha que te devoro!"
Grudo-me a ela, que me diz:
–"Você não incomoda, você é maravilhoso".

Mas Scorpia, com suas alquimias, agora é mais ausente.
Um segundo, um segundo!
É tudo o que te peço! Um segundo!
Quem é tão vil para se arrepender?
Qualquer erro com ela é um acerto! Um segundo!

"Rota tu volubilis
Status malus,
Vana salus
Semper dissolubilis"

XLVIII

Desperto de meu sonho. O longo dia acabara-se.
A Catedral, vazia, deixava a luz do Sol
E alguns rumores do exterior invadirem-lhe
As pesadas paredes e as grossas portas.
Meu corpo dói do mau sono. Saio devagar, pela brecha,
Desço as escadas de pedra, ocultando-me.
Há muito barulho! Sim, e como!
Pés, pernas, pessoas, muitas delas,
Amontoam-se.

É um *show* de sangue.
Lá vem El Rei, Staurós Folter, Senhor do Cilício, Martírio e Mendicância!
Seu sangue banha as cabeças dos súditos sedentos.
Os impostos amontoam-se, como adoram dor!
Como dão tudo o que têm para ver sofrimento!
Crucifica-o! Crucifica-o!
O que vale mais? Amar
Ao próximo como a si próprio, ou
Castigar-se, humilhar-se, flagelar-se pelo pecado? O quê?
Esquecem a primeira palavra.
Não amam ao deus que expulsou os mercadores. Mas
Àquele que foi a prova máxima de sadismo na humanidade!
Não amam ao deus das duas moedas.
O que salvou a apedrejada.
O que mandou ajudar quem precisa no sábado.
Amam o sangue do Rei do Martírio!
Piada! Ironia! Vergonha! *This god doesn't exists!*

Não existe, mas lá vem ele, Staurós, centro da cristandade.
Não me preocupo. Continuo andando, num canto ataráxico:

Ich habe keine Zigarette
Und auch keine Weinflasche.

Cantava eu, insubordinado por natureza;
Sem nenhuma malícia, ou ciência do que me aconteceria.
Um soldado servil decide me importunar:
–"Jogai uma moeda a ele, pecador infeliz".
–"Dar-lha-ei a um pobre que de ninguém ganhou-a".
–"Isto é blasfêmia".
–"Blasfemo ao ajudar o próximo?"
–"..."
–"Daí ao césar o que cabe ao césar.
Ao deus o que lhe é próprio.
Os ricos não passarão pelos portões – mais
Fácil um camelo pelo buraco de uma agulha!
Venda tudo o que tem, dá aos pobres –
Somente após isso vem e o siga".
–"..."
–"Não são do teu El Rei estas palavras?"
–"Darás a décima parte..."

Irrita-se o Rei Staurós com a insubordinação:
–"Algum problema...?
Ah! Um marinheiro de meu pai – peguem-no!"

*
* *

Perante o Rei Staurós:
–"Como dizes ter o sangue
D'aquele povo que deu força à Judith, e a David?
D'aquele povo que espalhou o terror aos inimigos do teu reino,
Tu, que te entregastes?
E ainda pergunta por que o Capitão te abandonara".

–"Blasfêmia! Ateísmo! Heresia!"
–"Queimem-no! Fogueira para os hereges!"
–"Auto-de-fé!"
Ordena El Rei Staurós:
–"Prendam-no! Convidem todo o reino!
Far-lhe-emos uma fogueira imensa! Será uma festa gigantesca!

Muito trabalho e prejuízo demos aos stultos,
Óbvio está que qualquer prisioneiro de *Dionysio*
Era motivo de grande ódio, chacota, martírio e festa.
Os gritos eram descontrolados, ruborizados, frenéticos:
Auto de fé
Auto de fé
Auto de fé...

–"Meus inimigos recuarão quando eu te invocar"...

"Obumbrata
Et velata
Michi quoque niteris;"...

XLIX

Estávamos sob o meu signo já.
Eu permaneci preso desde o período inicial de Libra;
Mas, um dia, após tanto tempo,
Grande surpresa me ocorreu quando acordei,
Com alguns tapas, e risadas:
–"Acorda, Nauta Umbrarum! Levanta!"
A voz era conhecida. Abro os olhos. É Wilhelm.
–"Não sei se estou feliz por vê-lo vivo, ou triste,
Por estar comigo preso".

Começou ele a falar:
–"Acalma-te, amigo, aqui estou em sua busca.
Não tem notícias do Capitão? Achas que se
Staurós e sua Stultia tivessem vencido-lhe,
Muita festa e escárnio não teria sido feita?"
– por um instante vi o quanto as palavras dele faziam sentido –
–"*Dionysio* está recuperada!, resistimos, conseguimos fugir!
Viemos para invadir de uma vez Stultia,
Terminar a guerra que eles começaram!"
– falava e seus olhos brilhavam –
–"Eia, irmão! Venceremos!"

–"Hawul!" – disse eu.
–"Hawul!" – retrucou Wilhelm, confiante.
Senti-me mais forte com ele.
Aquele amigo, com sangue do norte do mundo, não havia desistido
De me encontrar. Também arrematou:
–"Ainda essa semana comemoraremos juntos a Grande Noite!"

Percebem que somos amigos;
Gritam os carcereiros:
–"Separem esses dois, separem esses ratos..."

Na prisão:

Estou só. Tenho as mãos geladas.
Sétimo dia do vento leste após o solstício.
O frio rodeia lá fora. Mas me domina por dentro.
Posso sentir a doce mão da Angústia acalentando-me.
–"Meu filho", –"Sim, mamãe", –"Só eu estou contigo!"
Já estou há cinco dias sem ver Wilhelm!
Mas há dois não escuto sua canção de escárnio:

Ich bin ein Apostel vom Tod und
Sein blutiges Kreuz steigt in meinem Geist.

O que haverá lhe ocorrido?
Tento chorar. Mas dos olhos não cai água.
Aonde estará Scorpia?

Largo Aristóteles para um canto,
Tomo o papel dos versos. São as memórias de meu cárcere:

Fui um estúpido. Na verdade o sou, mas em menor grau.
Orgias. Mansonmania. Álcool, cigarros – mas em mau uso.
Já'stive preso. Os piores – e mais metafísicos reais – inimigos
Que tive houveram prendido-me.
Um arruaceiro? Fui! Acabou. Hoje sigo a job *de Heródoto.*
Mas para Scorpia é pouco! Ela é uma alquimista.
I want to be a master. A professor. *Um filósofo.*
Eu quero silêncio! Calem-te, vozes inócuas, cala-te frigidez filial!
Quero ser apenas um cínico, como um cínico da Antiguidade,
Como um cínico de Sínope, mas não sinistro!
Dor, dor, dor, dor mil vezes pain*!*
Eu quero tornar ao feto! Que clamor infantil! Eli*?*
Queor apenas ela, ouves-me? Estou só. Tudo é ilusão, não há sentido algum em nada sem
[Scorpia.
Voltou – mas se foi. Está – mas não o quer? Saberei?

?????

Passei duras barras, but I am reborned*, eu renasci!*
Menos álcool. Menos cigarros. Mais estudo.
Mesma tristeza.

Chega um carcereiro frio, escarnecendo de mim:
–"Ei, rato. Seu amiguinho tentou fugir –
Era esperto ele! Tinha um bom plano.
Mas pegamo-lo. Staurós bebe o sangue de seu
Pescoço degolado como vinho, a essa hora..."
–"Wilhelm morto? Não!"
Ele prometera que comemoraríamos fora d'aqui
A nossa grande festa, a *Mother Night*!

Je n'ai pas une cigarette
Ou une bouteille de vin
Je n'ai pas ma Fée plus

Ou mon ami allemand...

Sem perceber, já estava chorando.

A Solidão vem com sua roupa de *black swan*.
Dança, salta, bailarina negra, lábios de sangue.
Abraça-me – sussurra ao meu ouvido:
–"Vê, Nauta Umbrarum?
Aonde está Scorpia?
Com outro? – talvez! – Contigo se importa? – improvável!
Dois mundos os separam, vocês estão em faces oposto do Sol!
Ela é o Dia – você a Noite!
Ela é Freya – você é Loki!
Ela é o Sol – você a chuva!
Ela é a Terra – você é o Mar!
Ela é o Positivo – você é o Negativo!
Ela é Água – você é fogo!"

"Nunc per ludum
dorsum nudum
Fero tui sceleris"...

E continua:
–"Sua única esperança é que o Obscuro
Esteja certo. Que a guerra dos opostos lhes conciliem – ou morra comigo!"
Tento relaxar, me distrair, mas ouço:

Me gusta mucho volar lejos de mi ciudad
Pero también volver y apuntar lo que yo veo…

Mas parece inútil. De onde vem está música?

A Solidão volta a dançar. Entra em cena o Desprezo:
–"Mefistófeles ousado sou eu, sim!
O que ela te tem?" – O coro: – "Desprezo!"
–"O que ela te dá?" –O coro: –"Desprezo!"
–"O que você sente?" –O coro: –"Desprezo!"
–"O que você não quer dela?" –O coro: –"Desprezo!"
–"O final de tudo?" –O coro: –"Desprezo!"
–"O que você sente por este lugar imundo em que foi posto à existência?" –O coro:
[–"Desprezo!"
–"Qual o seu prêmio?" –O coro: –"Desprezo!"
–"O que te faz sentir a *music for all*?" –O coro: –"Desprezo!"
–"Quem são teus pais?" –O coro: –"Desprezo!"
–"O que eles valorizam em ti?" –O coro: –"Desprezo!"
–O coro: –"Desprezo! Desprezo! Desprezo!"
Ri o Desprezo incansavelmente.

"Sors salutis
Et virtutis
Michi nunc contraria,"...

Criancinhas infernais dançam ciranda de mãos dadas:
–"Nauta Umbrarum, rei do Desprezo,
Nauta Umbrarum, rei do Desprezo..."
Torno a ouvir a canção espanhola,
Que parece feita para amenizar meu desespero:

El miedo de la muerte es muy fuerte
Donde la verdad se torna oscuridad
Y lo que ahora soy, no quiero más hoy
Yo vivo sin mucha satisfacción,
Pero te enseño esta canción
Yo vivo sin satisfacción, pero te canto la canción.

É meu vizinho de cativeiro. Mas não consigo voltar a mim.
Ainda ouço um último protesto:
–"*¿Estás a soñar con un asesino, muchacho?*
¡Yo quiero dormir, te quedas derecho!"

É inútil. Chega-me o Ciúme:
–"Imagine ela, Umbrarum," – com voz grave –
"Imagine-a com outro, Umbraurum..."
–"Calem-se!"

Nauta Umbrarum, rei do Desprezo,
Nauta Umbrarum, rei do Desprezo...

"Est affectus
Et defectus
Semper in angaria!"

A noite caíra lentamente. Não vi o Sol partir.
Meu corpo doía, eu estava cansado, suado, mas
Subitamente uma voz sussurra pela janela:
–"Umbrarum?... Umbrarum? Está aí?"
Finjo-me surdo.
–"Umbrarum? *Gute Abend!*
Força! *Ich habe euch den Übermenschen gelehrt!*"
Ergo a face: – "Que queres, Fritz?"
–"Sabe que não gosto de teu Capitão. Mas por ti, eis-me aqui
Soubemos da morte de Wilhelm. Não podemos deixar,
Não podemos aceitar que mais um dionysíaco seja morto.
Levante. Não quero ter que permanecer mais muito com este velho bárbaro.
Ande. Vença a *vis inertiae*!"

Uma fortíssima tempestade caía. Os trovões
Iluminavam, aterrorizando, na noite-maior.
Guardas percebem: –"É na cela do rato...
Na cela do rato..."

L

a/ a queda da erística

Ouço a voz do Capitão:
–"Derrubem a parede, marujos!
Afasta-te, rato!"
Fortes golpes são desferidos; tomo distância da parede
Que é atravessada por Mjollnir. A barreira da prisão cai.
Posso então ouvir o som de guerra que os gregos fazem.
A flauta de Lálos, o compasso dos tambores ritmados
De Eypeithés e Polytelés. Está o ambiente embalado
Nessa bélica melodia.
–"Por que demoraram-se tanto?" – perguntei.
Todos riem.
O Mjollnir volta ao punho de Thor,
Que parece cansado, está sujo e sem elmo.
–"Você quis dizer 'obrigado'?" – censurou-me o Capitão.
–"Eu já estava tendo pesadelos com o espanhol
Que ao meu lado cantava!"
A loucura domina os risos, por instantes.
O espanhol, vendo a bagunça, e certamente compreendendo algo
Das minhas palavras, pôs-se a xingar em sua cela.
Não pude dar importância...

O Capitão, montado em Sleipnir, lidera todos.
Num cavalo, à frente da primeira linha, surgem o Ímpio, em seguida, num formato de "V"
O Desesperado, o Obscuro, o Hedonista, o Holandês Panteísta, o Comunista, o Fenomenólogo, o Psicanalista, o Dialético, o Alemão Budista, o Selvagem, o Irônico, o Empirista, o Scéptico, o Monadista, o Racionalista, o Santo, o Padre Rebelde, o Protestante, o Cão, o Milésio;

Na segunda linha: o Português, o Machado, o Alagoano, o Homem de Setenta Faces, o Mineiro, o Tatarana, a Soviética, a Mineira, a Portuguesa, o Sertanista, o Grego, o Latino, o Fausto, o Taverneiro, o Maranhense, o Indianista Romântico, o Metamorfo, o Policarpo, o Antropófago, o Terceiro Andrade;

Na última linha principal: o Surrealista, o Metafísico, o Grego Espanhol, o Renascentista, o Impressionista, o Austríaco Louco, tantos, tantos outros que não conheço epítetos...
Além destes, muitos mais...

Sorri-me o Capitão:
–"Estás bem, rato?"
–"Sim, Capitão. Mas como... Como conseguiram escapar
Daquele imenso cerco no mar?"
–"Iormungand voltou, desencalhando-nos!
Para salvar Thor...
Mas ele já havia sido trazido para cá...
Então acordamos com ela em salvá-lo, em troca de ter-nos salvo..."
Impaciente, o Mago abre caminho.
E diz:
–"Capitão, o que vejo é Thurisaz: a violência e o conflito..."
Todos rimos novamente.
–"O que viemos buscar aqui?" – ironiza o velho no cavalo de oito patas.
–"Não é só isso" – admoesta o Zauberer – "Mannaz, o poder da razão humana, Hagalaz, a
[ruptura descontrolada,
Laguz, as águas da passagem, do rebatismo e Sowelo, a vitória..."

Mais falar não pôde.
El Rei do Cilício chega com suas tropas – todos os santos discípulos guerreiros, e outras
[bazófias a fins. A batalha inciar-se-á...

b/ não!

–"Não, a batalha não pode acontecer!"
Não, não me ouvem. O Rei Staurós dardeja seu pai,
Uma procela bélica inicia-se. Corro do Capitão:
–"Sabe o que deve fazer!"
Hesito.
–"Eu já vejo o crepúsculo! É a *Ragnarök*!"
–"*Ja!*"

"*Hac in hora*"

–"É tarde, e para roubar as palavras do Desertor:
Tudo está consumado.
Faça o que aqui estás para fazer, pegue *Dionysio* e vá".
Lágrimas. O Capitão me dá seu punhal:
–"Que o sangue de meu coração junto ao sangue do coração de meu filho esteja!"

"*Desceu à necrópole dos deuses destronados*
E não há mais ninguém
Para julgar vivos e mortos".

"Sine mora"

Depois Nauta Umbrarum tomou o punhal com o sangue

"Corde pulsum tangite;"

Esguio e sorrateiro, feriu os discípulos dizendo:
–"Tomai todos e bebei, este é o cálice do meu sangue,
O sangue da nova e eterna aliança
Que será derramado por vós e por todos para
A remissão dos nossos pecados".

"Quod per sortem
Sternit fortem,"

Após atingir os seus mais próximos lacaios, estava diante
De Staurós, o Rei, que abriu espantado os olhos.
Não podia mais fugir – nem ele, nem eu –
Daquele momento que não era de honra ou glória.
Apenas a necessidade, algum determinismo histórico,
Ou talvez o acaso, nos empurrara até aquele ponto,
E fez-me empurrar o punhal, aguçadíssimo,
Contra aquele peito – que era de muito do que lhe culpavam –
Completamente inócuo e sem culpa.
Mas graves reflexos ulteriores causou.
Seu lado esquerdo novamente sangrou:
–"Fazei isto" – "*mecum omnes*" –"em memória de mim" – "*plangite!*".

EPÍLOGO

§1

Já era insuportável para Nauta Umbrarum ouvir todos aqueles Cavaleiros com a cabeça baixa, impôs-se então, ordenando-lhes: –"Calem-se vocês todos! Cala Hegel! Cala Sartre! Cala Nietzsche! E Marx, Platão, Heráclito! Cala, cala!". Podia compreender agora as palavras do Espírito dos Abás, assim que desceu na mata seca de Stultia: Era necessário começar uma nova maneira de viver, era preciso aprender a pensar por si mesmo, deveria abrir-se os olhos. Era o princípio de um novo período da existência. O homem forjara um belo refrão com três palavras para justificar sua tirania, e muitos morreram por tal ideal de luz. Temos de compreender que a liberdade só vem da igualdade, e sem uma *communitas* é impossível perpetrar a vida, e não só a humana.

§2

O Marinheiro correu, tomou o timão de *Dionysio*, sozinho, ciente de que aqueles antigos mestres precisavam ser apenas partes de páginas escritas no livro da vida. Procurava, desnorteado, por Scorpia. Só ela o preocupava –"Onde estará?". Nauta Umbrarum jogou-se ao Mar, sabia que apenas ele próprio poderia guiar aquela Nau. E que não devia trombá-la co'as alheias, como tornava-se inevitável na ideia de Sartre, o Desesperado. Mas não prendia-se à moral medieval.

§3

Rumo a um novo caminho. Uma nova era. Esqueçamos o significado. Deixemos de lado também o "eu".

§4

O mundo tem mesmo de possuir um sentido? O homem ignora tudo o que carece de significação, mas não consegue encontrar uma nem em si mesmo. Para dar-se valor precisa encontrar – ou melhor, criar – entes fora de si, para então, de alguma forma, prender-se ao Existir. Não seria melhor apenas viver, estar aí, na realidade, sem mais fúteis perguntas? Nessa busca cega por um significado, o homem cria métodos abstratos gigantescos para aceitar algo que está na sua frente ou dentro de si, e impede-se de amá-la para estudá-la ou obtê-la, possuí-la. Talvez o mundo possua um significado. Mas esse lixo sofístico amontoado não pode ser. Mesmo o "belo" ouro para ser encontrado precisa misturar-se ao mercúrio. Se o mundo possuir um significado ele não precisa essencialmente disso para ser mundo. Se juntarmos partes de tudo o que já se pensou acerca dele (ou mesmo se esquecermos tudo), talvez achemos sua ideia – *Zwischen Zwei Zwirne*".

§5

Seelicht? Scorpia?

"Valete, iudicis"!

Iniciado no dia 19 de Junho de 2011.
Em edição perene na mente do autor e nas dos seus leitores.

Endereço Eletrônico:
http//danielsonneblog.wordpress.com